

GUIA DE ESTUDOS



III ONU INTER
COLEGIAL



Rede Jesuíta de Educação



SUMÁRIO

1. CARTA DE APRESENTAÇÃO	3
2. SOBRE A SIMULAÇÃO.....	4
3. SOBRE A ONU	5
4. SOBRE O GRUPO DOS 20	6
5. INTRODUÇÃO AO TEMA E PAUTAS DO DEBATE	7
6. CRISE DE 29	8
7. Bolha das “Pontocom”	13
8. Antecedentes da Crise e o American Dream.....	18
9. Desencadeamento da Crise	24
10. Consequências Imediatas da Crise.....	26
11. Repercussões e Desafios dos Países em Desenvolvimento	30
12. Dependência Monetária Internacional	34
13. BRIC como Grupo de Apoio Econômico.....	38
14. BRIC e sua Ampliação.....	41
15. Panorama dos países.....	42
16. Sobre o jornal.....	61
17. Lista de Imagens.....	65
18. Documentos Complementares	68
19. Referências.....	69



1. CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caros Chefes de Estado,

Sejam muito bem-vindos à III ONU-INTERCOLEGIAL, projeto idealizado pela Rede Jesuíta de Educação. Vivemos em um mundo de caráter pungente, em que as mudanças incessantes e o processo complexo de globalização imperam. Com isso, surgem crises das mais variadas ordens e, por esse motivo, o exercício da cidadania e a análise minuciosa do cenário geopolítico e econômico atual e das interações humanas ocorridas nele fazem-se tão importantes. Por isso, demonstramos extrema felicidade na adesão dos senhores e senhoras à presente simulação – e, para todos os efeitos, ao presente comitê.

O tema a ser abordado nesse comitê é, por óbvio, de suma importância para o funcionamento da sociedade atual. Posto isso, sabe-se que o assunto pode se tornar bastante complexo e multifacetado, uma vez que se trata de uma das maiores crises da humanidade. Relembramos, então, que apesar da honrosa tarefa de representar a política externa de suas nações no período do ocorrido, os senhores devem sempre manter o decoro, o respeito e a diplomacia durante o debate. **Esta mesa não tolerará condutas desrespeitosas e atos anti diplomáticos.** Lembramos, também, que esta cúpula ocorreu em meio a crise no dia **14 de Novembro de 2008**, e qualquer acontecimento posterior a essa data não terá valor concreto para este comitê. A Mesa se disponibiliza, ainda, a auxiliar os senhores delegados em qualquer questão que possa surgir no que tange à simulação.

Ademais, gostaríamos de reiterar que este guia foi feito com muita dedicação, visando facilitar o estudo dos delegados, e é imperativo que os senhores leiam este documento; mas não se restrinjam a ele: a Mesa encoraja os senhores a procurarem outros materiais de estudo e pesquisa. Esperamos que possamos ter um debate frutífero e que essa experiência imersiva possa proporcionar o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas, comunicação e diplomacia. Desejamos a todos bons estudos e uma ótima simulação.

Carinhosamente,

Rodrigo Erig Weiller, Amanda De Nardin Walker e Ana Laura Lopes Marczwski

Diretores de Mesa do Colégio Anchieta - Porto Alegre



2. SOBRE A SIMULAÇÃO

É com uma inestimável alegria e honra que expressamos as nossas boas-vindas à III ONU Intercolegial! Esse projeto, tão almejado a cada dois anos, congrega uma diversidade de pessoas e, por conseguinte, de ideias, as quais edificam o caráter multifacetado dessa vivência. A simulação, a qual é acolhida pelas unidades educacionais da Rede Jesuíta de Educação (RJE), evidencia que aquilo que nos difere é o que nos une.

Neste ano, celebramos o retorno da maior simulação da RJE ao modelo presencial. Desta vez, cabe ao Colégio Antônio Vieira, unidade localizada em Salvador, na Bahia, assumir as responsabilidades de sediar um evento de tamanha magnitude, cujo escopo espelha o histórico bem-sucedido da Companhia de Jesus do Brasil na promoção e fomento à cultura de simulações *MUN*, e acolher educadores e estudantes de todo o país, que convergem — apesar, ou até, muito por conta de suas diferentes vivências — em objetivo uníssono: formar cidadãos globais comprometidos com a diplomacia e o estudo analítico da realidade ao redor.

Nessa jornada de grande aprendizagem, contamos com o envolvimento genuíno dos participantes, dado que a entrega, o destaque e o elevado desempenho que conduziram os estudantes até a ONU Intercolegial são os aspectos que farão dessa experiência a mais agregadora, memorável e excepcional. Nesse sentido, a nossa Comissão Organizadora, composta por diretores e orientadores provenientes do Colégio Anchieta (Porto Alegre/RS), Colégio Antônio Vieira, Colégio dos Jesuítas (Juiz de Fora/MG), Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro/RJ) e Colégio São Luís (São Paulo/SP), tem empreendido inúmeros esforços, a fim de construir uma simulação que seja digna do nosso orgulho e memória.

Para tanto, objetivamos atender ao mote da Intercolegial, o binômio inovação e renovação. Isso porque, em primeiro lugar, buscamos agregar ao projeto formatos e linguagens inéditos, sempre tendo como base os experimentos internos dos colégios envolvidos, em suas próprias simulações. Por outro lado, reconhecemos que o motor do projeto é propiciar uma simulação ainda melhor da que nos foi ofertada no passado. Sendo assim, mantemos-nos à disposição para auxiliá-los nessa trajetória de trocas e crescimento, fazendo da III ONU Intercolegial uma vivência, verdadeiramente, diferenciada!

Com os melhores cumprimentos,

Beatriz Costa e João Pontes,
Secretários-gerais da III ONU Intercolegial



3. SOBRE A ONU

A Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas (NU), é uma organização internacional cujo objetivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, Direitos Humanos e a realização da paz mundial.



A ONU foi fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, para substituir a Liga das Nações, com o objetivo de deter a guerra entre países e fornecer uma plataforma para o diálogo. Ela contém várias organizações subsidiárias para realizar suas missões. Existem, atualmente, 193 países-membros, incluindo quase todos os Estados soberanos do mundo.

De seus escritórios em todo o mundo, a ONU e suas agências especializadas decidem sobre questões específicas ou administrativas em reuniões regulares ao longo do ano. A figura mais destacada da ONU é o secretário-geral, cargo ocupado desde 2017 por António Guterres, de origem portuguesa. A organização é financiada por contribuições voluntárias dos Estados-membros e tem seis línguas oficiais: árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol.

A organização está dividida em instâncias administrativas, marcadamente pela Assembleia Geral e o Conselho de Segurança. Além de seus órgãos próprios, a ONU conta com a colaboração de organismos regionais, como previsto no art. 52 Capítulo VIII da Carta das Nações Unidas, sendo a Organização dos Estados Americanos e Comitê dos Direitos Humanos alguns dos exemplos:

Artigo 52:

1. Nada na presente Carta impede a existência de acordos ou de organismos regionais, destinados a tratar dos assuntos relativos à manutenção da paz e da segurança internacionais que forem suscetíveis de uma ação regional, desde que tais acordos ou entidades regionais e suas atividades sejam compatíveis com os propósitos e princípios das Nações Unidas.

2. Os membros das Nações Unidas, que forem parte em tais acordos ou que constituírem tais entidades, empregarão todos os esforços para chegar a uma solução pacífica das controvérsias locais por meio desses acordos e entidades regionais, antes de submetê-las ao Conselho de Segurança.

3. O Conselho de Segurança estimulará o desenvolvimento da solução pacífica de controvérsias locais mediante os referidos acordos ou entidades regionais, por iniciativa dos Estados interessados ou a instância do próprio Conselho de Segurança.



4. SOBRE O GRUPO DOS 20

G20 significa "Grupo dos Vinte". O G20 reúne os países com as maiores economias do mundo. Os Estados-membros se encontram anualmente para discutir iniciativas econômicas, políticas e sociais. O grupo se define como o principal fórum de cooperação econômica internacional (acordo estabelecido pelos líderes na Cúpula de Pittsburgh, em setembro de 2009). No entanto, houve reuniões e cúpulas preliminares, seguindo um padrão de presidência, alterada de seis em seis meses.

A Cúpula do G20 é a reunião entre os chefes de Estado ou de Governo dos países membros (variando de acordo com o tópico tratado). O termo "Cúpula" tem origem em sua definição em inglês ("Summit") e refere-se ao ponto mais alto de uma montanha. Portanto, a Cúpula é o momento de ápice das mais de cem reuniões anuais do G20.

Nosso comitê irá reproduzir a primeira Cúpula do G20 de 2008, que realizou-se em Washington, D.C., na sequência da crise financeira das hipotecas subprime. Os líderes discutiram medidas para fortalecer o crescimento econômico, lidar com a crise e prevenir novas crises. Foi aprovado o Plano de Ação para implementar reformas no funcionamento das instituições financeiras e intensificar a cooperação entre reguladores, ampliando a participação das economias emergentes.

A Communiqué ou Comunicado dos Líderes é como são formatadas as propostas de resoluções nas cúpulas do G20. Tais comunicados são divididos em pontos, sendo estes devidamente detalhados em relação às medidas a serem tomadas em cada ponto. De acordo com a formatação devida, os pontos iniciais são utilizados para contextualização da Cúpula. Todos os documentos já redigidos nas cúpulas estão presentes na internet para auxílio juntamente aos diretores de mesa presentes.

Imagens - 1 e 2





5. INTRODUÇÃO AO TEMA E PAUTAS DO DEBATE

A crise financeira de 2008 é amplamente conhecida como um marco crucial na história econômica contemporânea, tendo desencadeado repercussões globais que ecoaram por vários setores e continentes. Marcada por uma combinação complexa de fatores, essa crise teve suas raízes no colapso do mercado imobiliário nos Estados Unidos, desencadeando uma série de eventos que culminaram em uma recessão global de magnitude sem precedentes desde a Grande Depressão. A fragilidade do sistema financeiro, a expansão de produtos financeiros complexos e opacos, bem como a interconexão global das instituições financeiras foram elementos-chave que desenvolveram para a propagação do colapso e suas consequências de longo alcance. Esse período tumultuado não apenas evidenciou vulnerabilidades inerentes ao sistema econômico, mas também estimulou debates substanciais sobre a regulação financeira, a ética nos mercados e a necessidade de reformas estruturais para evitar ocorrências semelhantes no futuro.

A direção de mesa compreende totalmente a possível falta de familiaridade com alguns termos e conceitos que serão citados ao longo do guia e, possivelmente, do debate. Então, contem conosco na solução de dúvidas pontuais sobre o guia, conceituais ou mais complexas, relacionadas aos acontecimentos descritos neste documento. Ao final do guia, encontra-se a Lista de Imagens (no ponto 16), na qual estão explicações sobre as imagens do texto caso haja dúvida no significado das charges e imagens.

Durante o debate, os senhores terão que debater, argumentar e buscar soluções para os problemas e terão total liberdade para as suas medidas, tendo em vista que representam chefes de Estado. Os senhores podem criar novos grupos econômicos ou mudar totalmente os já existentes, criar novas moedas ou modificá-las, novos órgãos internacionais. Em suma, os senhores têm total liberdade assim visando um debate frutífero. Os senhores terão que discutir essencialmente os dois tópicos principais do debate já apresentados no enunciado; a Crise Financeira de 2008 e formas de a resolver, e a dependência mundial do dólar e como combatê-la. Entre isso, a agenda deve ter tópicos de temas oriundos das duas problemáticas. Logo, para termos um debate frutífero, os senhores devem ter em mente os seguintes questionamentos:

- O dólar deve permanecer sendo a moeda vigente mundialmente?
- Quais seriam os possíveis benefícios de mudar a dependência monetária?
- Como colocar um fim à Crise Financeira e auxiliar a população a voltar a ter qualidade de vida?



Imagem - 3



6. CRISE DE 29

6.1 Introdução a Grande Depressão

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), enquanto os países da Europa estavam completamente envolvidos no processo da guerra, com suas indústrias e produções afetadas, os Estados Unidos passam a suprir a demanda da Europa de produtos como aço, comida, máquinas, carvão entre outros itens básicos para a manutenção da guerra. Desde a Guerra de Secessão, os Estados Unidos produziam armas e munições em larga escala. Por estar do outro lado do Oceano Atlântico, se beneficiava produzindo para suprir a necessidade da Guerra, com praticamente nenhum ataque em seu território.

A Crise de 1929 estava chegando. Até aquele momento, a Grã-Bretanha era considerada a nação da supremacia econômica mundial, ditando, através do valor do ouro, toda a economia. Porém, é a partir desse contexto da Primeira Guerra Mundial que a Inglaterra perde sua posição e os EUA passam a ocupar seu lugar. O crescimento norte-americano em relação à queda do poder europeu incomodou diversas nações, no entanto, naquele momento, já eram totalmente dependentes das indústrias americanas.

Esse avanço rápido dos Estados Unidos causou um movimento de euforia, quando a população via-se em uma posição de destaque e certo conforto em relação a outros países. Os Roaring Twenties (Loucos Anos Vinte), como eram chamados, foram uma fase de extrema qualidade de



vida e segurança para o país, o que fez com que os americanos passassem a investir mais na Bolsa de Valores. No entanto, tal entusiasmo rapidamente deu lugar a uma crise sem precedentes.

Com o crescimento do mercado financeiro, por conta da vasta compra de ações por parte dos americanos, tornou-se comum existirem endividamentos para a compra de novos títulos, prometidos como uma renda extra para comprar as novas tecnologias da época. Aliado a isso, os EUA enfrentavam um cenário de superprodução e crise agrícola. Por precisarem produzir alimentos e itens industrializados que suprissem a necessidade da Europa no período da guerra, a indústria e o ramo agrícola americanos precisaram aumentar suas escalas produtivas. Após esse período, as vendas diminuíram drasticamente, mas não foi possível manter o mesmo ritmo na produção. Assim, foram surgindo cada vez mais estoques e produtos parados, acarretando grandes perdas.

Desse modo, com a bolha do mercado de ações crescendo, mas, por outro lado, o mercado retraindo, os Estados Unidos estavam passando por uma grande crise, que acabou ficando debaixo dos panos. Até que, em 24 de outubro de 1929, tudo desmoronou, e o teve início uma das piores fases do país.

Imagem - 4





6.2 A Queda livre das Ações

No dia 24 de outubro de 1929, Wall Street se perdeu em gritos. O preço dos títulos caiu em queda livre assim as pessoas que antes se endividaram para adquiri-los agora perderam todas suas finanças. Esse dia ficou marcado na história americana, pois tão rapidamente diversas famílias estavam sem nenhum dinheiro tendo que vender seus bens para se sustentarem. O crash do dia 24 levou a um caos instaurado em Nova Iorque e todos os Estados Unidos, pois os investidores espalhados pela nação não tinham a atualização devida de preços, assim levando a um pânico geral instaurado.

Os investidores estavam presenciando um caos nunca visto antes em solo americano então no dia 28 de outubro de 1929, diversos investidores desistiram do mercado financeiro por estarem no que era chamado de "margem" pela falta de atualizações. Com isso, o poço que eles já estavam aumentou ainda mais com uma queda recorde de 38,33 pontos ou 12,82%.

Mesmo todos achando que não poderia piorar, a manhã da conhecida como "terça-feira negra" foi o ponto mais fundo que o tal poço chegou, esse dia é marcado até hoje como um pesadelo para a economia mundial. Nesse dia, diversos investidores negociaram cerca de 16 milhões de ações da bolsa em um único dia. Aproximadamente, as ações tiveram uma perda de valor de 14 bilhões de dólares, algo nunca visto de proporções assustadoras tanto para os investidores quanto para os trabalhadores que não imaginavam a crise que começava a os atingir.

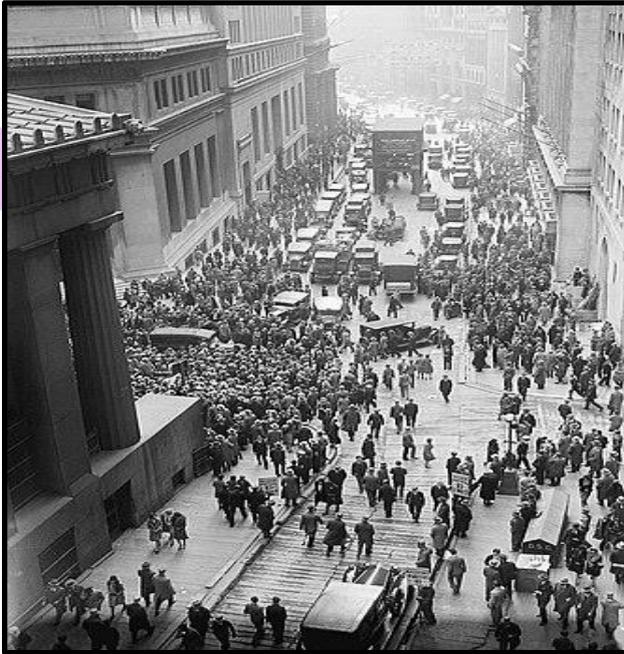
O caos apenas aumentou mais ainda quando diversas ações que antes eram vendidas a preços altíssimos começaram a ganhar valores mínimos e em qualquer preço que poderiam obter não foram vendidas de maneira nenhuma. A partir desse momento, o caos já estava instaurado não apenas em Wall Street e sim em todo território americano e começava a se espalhar pelo globo. Dessa maneira, houve demissões em massa nos mais diversos setores, com a necessidade imediata de intervenção estatal.

"A economia dos EUA cresceu muito durante os anos 20, mas passou meio despercebido, em 1927, que a atividade do país começou a desacelerar. A bolsa continuou crescendo, na expectativa de que aquilo fosse uma coisa passageira, sendo que ela já vinha de uma expansão gigantesca. Era claramente uma bolha especulativa"

- Simão Silber



Imagens - 5, 6 e 7



6.3 Respostas e Políticas Públicas

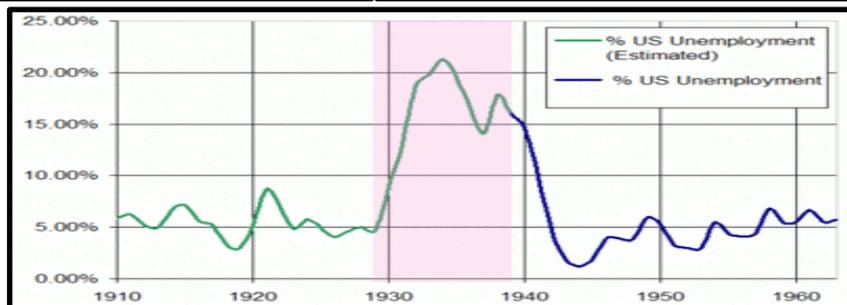
Como a primeira medida após o crash da bolsa, no mesmo dia da terça-feira negra, houve uma reunião entre William C. Durrant e membros da família Rockefeller juntamente com outros gigantes das indústrias e do ramo financeiro. A estratégia usada por eles era de comprar milhares de ações assim demonstrando confiança na bolsa, no entanto, seu plano falhou e não conteve a queda que ainda era exponencial. Essa resposta rápida pelo menos demonstra a preocupação direta do setor privado com uma crise que já tinha chegado no âmbito social.

Em 4 de março de 1932, o comitê bancário e monetário do senado americano deu início ao inquérito que ficou conhecido como Investigação Pecora, que tinha como papel fundamental estudar os motivos e consequências da crise de 1929. O nome refere-se ao quarto e último conselheiro-chefe da investigação, Ferdinand Pecora. A sua exposição de práticas abusivas na indústria financeira galvanizou um amplo apoio público a regulamentações mais rigorosas. As investigações perduraram até 34 entre os investigados estavam grandes banqueiros, investidores, corretores financeiros e até o presidente da bolsa. Dada a ampla cobertura da mídia, o testemunho do poderoso banqueiro JP Morgan Jr. causou protestos públicos depois que ele admitiu, sob investigação, que ele e muitos de seus sócios não haviam pago nenhum imposto de renda em 1931 e 1932.



Posteriormente, os mercados acionistas globais implementaram medidas para interromper as negociações em situações de quedas abruptas, argumentando que essas ações evitariam tais vendas motivadas pelo pânico. No entanto, a retração de 22,6% registrada na Segunda-feira Negra de 19 de outubro de 1987, acompanhada pela queda de 12,9% na Segunda-feira Negra de 16 de março de 2020, superaram, em termos percentuais, qualquer outra jornada do colapso de 1929.

Imagens - 8, 9 e 10





6.4 Impacto Global

O impacto da crise de 29 foi a grande depressão que é atrelada diretamente à crise das ações. Sempre que a maior nação em termos econômicos do mundo entra em crise, boa parte do mundo entra junto. Assim, as nações que tiveram maior destaque na crise foram:

A **Alemanha**, na época República de Weimar, estava devastada após a primeira guerra mundial com uma dívida gigante juntamente com as exigências do tratado de Versalhes. Para lidar com todos os empecilhos da nação crescer economicamente, o governo decidiu fazer um corte drástico em gastos públicos, incluindo gastos sociais. Essa medida trouxe péssimos resultados para a população média, principalmente pelo corte nos programas de auxílio à desempregados que resultou em uma queda nos direitos trabalhistas.

A **URSS**, sem dúvidas, foi a nação das aqui listadas que melhor lidou com a crise. A união possuía uma economia extremamente fechada com uma indústria estatal e em crescimento constante. Dessa maneira, a União Soviética fez propagandas a especialistas americanos de todas as áreas que teriam sido atingidos pela crise. Além disso, algumas empresas ocidentais abriram fábricas na URSS que levou a uma ótima troca tecnológica para a nação.

O segundo país mais afetado foi o **Canadá**, que antes possuía uma economia extremamente crescente com grandes fazendas e indústrias crescentes exportando para todo o globo. Quando a crise atingiu os EUA já se sabia que era questão de tempo para atingir a nação canadense. As exportações caíram drasticamente, o que levou a uma dívida grande das fazendas e indústrias, com isso o setor privado realizou diversas demissões em massa, causando uma crise de desemprego na nação que estava tão crescente nesse sentido.

7. Bolha das “Pontocom”

7.1 Influências da Bolha

A bolha das pontocom é, sem dúvida, um fator muito importante quando queremos estudar a crise de 2008. Essa bolha foi a crise que antecedeu a de 2008, começando em 1995 e indo até 2001. A bolha das pontocom foi a alta especulativa das ações de empresas de tecnologia na NASDAQ, parte da bolsa de valores com foco na tecnologia. O nome bolha das pontocom é por conta que, na época, qualquer empresa que possuísse um endereço online em sites já tinha uma grande especulação de crescimento.



- A **Euforia Tecnológica** foi um fator de destaque na bolha das pontocom. Os anos 90 foram anos de virada para a evolução tecnológica, era considerável o aumento dos computadores em casa e a internet dava os primeiros passos. Dessa forma, se tornou comum empresários com promessas de revolucionar o jeito que usávamos internet. Os investidores ficaram atentos quando alguns desses empreendedores ficaram multimilionários, assim levando os investidores a apostarem em novas startups com promessas maiores do que o possível.
- Sem dúvidas, as **Facilidades para Obter Capital** foi uma das razões que levaram os investidores a injetarem tanto dinheiro em empresas novas de tecnologia. Para conseguir um financiamento era relativamente fácil, com os bancos sem demonstrar preocupação, os investidores fizeram empréstimos muito acima do recomendado. Os investidores viam cegamente as startups investindo rios de dinheiro, mesmo elas não gerando lucro real ou com planos de lucro a longo prazo.
- Como já citado, o **Modelo de Negócios** foi um grande problema que levou à criação da bolha. Com uma estratégia que visava principalmente a entrada no mercado e não o lucro em si levou a grandes problemas para as empresas terem uma avaliação de valor no mercado. A entrada abrupta no mercado gerou grandes prejuízos e apenas aumentou com o déficit de lucro.

Imagens - 11 e 12





7.2 Crescimento

O crescimento da bolha está logicamente muito relacionado às influências da bolha em si. Com as influências, ao mesmo tempo, dando início, mas também agravando o problema que já era crescente na época.

Os investidores de alto risco testemunharam um aumento sem precedentes nas cotações de ações de empresas novas de tecnologia, o que os levou a adotar táticas de mercado mais ágeis e menos cautelosas do que o habitual. Essa mudança rápida visava reduzir o risco e superar a concorrência, deixando para o mercado determinar o destino dessas empresas. O período de 1998-1999 foi marcado por baixas taxas de juros, o que contribuiu para o aumento significativo nos montantes de capital disponíveis para startups.

Alguns modelos de empresas adotaram estratégias que exploravam os efeitos de rede, operando com prejuízo inicialmente para construir uma participação de mercado sustentada. O lema "cresça rápido" refletia essa abordagem.

Durante o período de prejuízo, essas empresas dependiam fortemente do capital de risco e, em particular, de ofertas públicas iniciais de ações para financiar suas operações, mesmo sem uma fonte de receita estabelecida. A natureza relativamente nova dessas ações, combinada com a dificuldade de avaliar o verdadeiro valor das empresas, levou a uma volatilidade extrema nos preços das ações.

Essa dinâmica resultou em muitas ações atingindo alturas vertiginosas de forma inconsistente. A bolha das pontocom, alimentada por uma combinação de euforia, especulação e modelos de negócios não comprovados, eventualmente estourou no início dos anos 2000, resultando em perdas significativas para investidores e uma revisão nas práticas de investimento.

Imagens 13 e 14





7.3 Estouro da Bolha

Em março de 2000, uma crise foi desencadeada a partir da bolha das pontocom. Diversas empresas de tecnologia, como a Dell, venderam rapidamente muitas de suas próprias ações que acabou causando uma grande desconfiança, assim estourando a bolha. Por conta dessas vendas, criou-se uma venda em cadeia que aumentava exponencialmente. Em apenas 6 dias, a NASDAQ teria perdido 9 por cento na bolsa de valores.

As vendas não foram as únicas razões para esse estouro no mercado financeiro. A preocupação do possível bug do milênio causou um pânico nas empresas de tecnologia que acabaram por comprar novos equipamentos para o monitoramento e aprimoramento de seus sistemas. Na virada do ano, nada ocorreu, o que levou em gastos desnecessários sem contar o congelamento das contratações.

O escândalo da Enron, uma empresa de energia de Houston, também foi muito relacionado à crise. O escândalo em si foi muito complexo e multifacetado, assim ficando conhecido como o maior escândalo do mundo financeiro na história. Esse caos se relacionou a crise levando a uma desconfiança gigantesca em relação às empresas de tecnologia que antes eram idolatradas pelo mercado.

O estouro foi repentino e veloz, já era esperado por muitos que as pontocom tinham uma data de validade. O mercado financeiro tinha acabado de presenciar uma nova crise totalmente nova com a tecnologia contra eles. Dessa maneira as consequências foram grandes.

Imagem - 15





7.4 Consequências

As consequências da bolha formada nos EUA tiveram impacto gigante na mesma nação. Muitas empresas, que tinham modelos de negócios insustentáveis e dependiam fortemente de financiamento, enfrentaram falências, causando perdas de empregos e impactando comunidades inteiras.

O estouro da bolha também teve implicações macroeconômicas, contribuindo para uma recessão global. A desconfiança dos investidores se disseminou, promovendo uma mudança de mentalidade em direção a uma abordagem mais cautelosa e centrada nos fundamentos financeiros. A reestruturação no setor de tecnologia foi inevitável, forçando empresas a adotarem modelos de negócios mais sólidos e a concentrarem-se em alcançar lucratividade sustentável. Essa reconfiguração resultou em uma aprendizagem coletiva sobre a importância do investimento a longo prazo e da avaliação criteriosa das perspectivas das empresas.

Apesar das perdas substanciais e das repercussões econômicas negativas, a bolha das pontocom serviu como um catalisador para a adoção de melhores práticas nos mercados financeiros. Investidores e empresas aprenderam lições valiosas sobre a importância da prudência e da avaliação realista dos fundamentos, marcando uma transição significativa no panorama financeiro e tecnológico para as décadas seguintes.



8. Antecedentes da Crise e o American Dream

8.1 Bolha Imobiliária nos EUA e o Subprime

Passando de uma bolha para outra, a tal nova bolha que estava começando a se formar não era no mercado financeiro e sim no imobiliário. Tal bolha consistiu resumidamente no aumento absurdo do valor dos imóveis por conta de diversos fatores como a concessão irresponsável de empréstimos, especulação excessiva no mercado imobiliário e a criação de produtos financeiros complexos.

A dinâmica começou com a concessão de empréstimos hipotecários de alto risco, conhecidos como empréstimos subprime. Instituições financeiras, em busca de lucros rápidos, emprestaram dinheiro a mutuários com históricos de crédito duvidosos, muitas vezes sem exigir verificação adequada de renda ou garantias substanciais. Esses empréstimos subprime eram frequentemente oferecidos a taxas de juros inicialmente baixas, que mais tarde aumentavam significativamente, tornando difícil para os mutuários honrarem suas obrigações.

O mercado imobiliário começou a inflar à medida que os preços das casas dispararam. Os mutuários e investidores estavam motivados pela crença de que o valor dos imóveis continuaria a subir, permitindo-lhes refinanciar ou vender propriedades com lucro. Esse otimismo alimentou a especulação e levou a uma demanda crescente por habitação, impulsionando ainda mais os preços para níveis insustentáveis.

Para complicar ainda mais a situação, as instituições financeiras começaram a empacotar esses empréstimos hipotecários, inclusive os subprime, em títulos lastreados em hipotecas (MBS). Esses produtos financeiros complexos eram então vendidos a investidores em todo o mundo. A securitização dos empréstimos subprime tornou difícil avaliar o risco subjacente, pois muitos investidores não compreendiam completamente a qualidade dos ativos que estavam adquirindo.

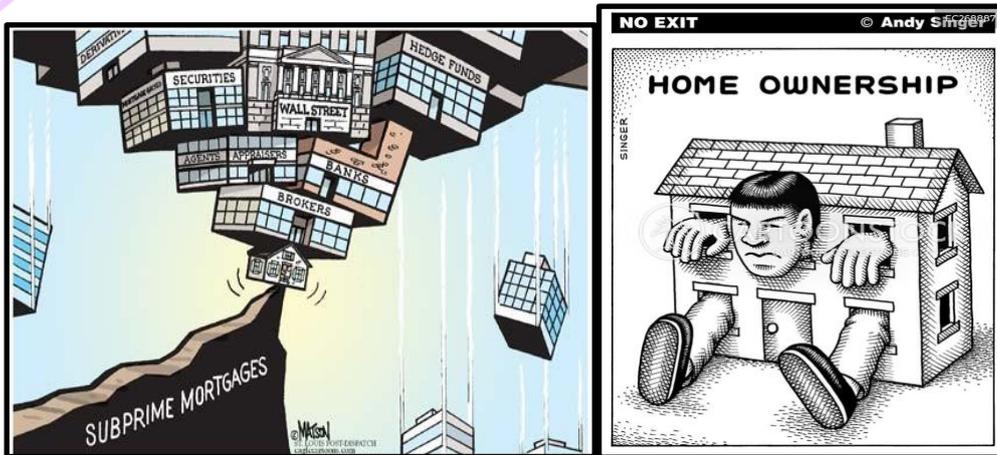
Assim vemos que, em suma, a formação da bolha está diretamente atrelada à concessão de empréstimos aos quais faltava a devida segurança, ou seja, os bancos não questionavam qual era a renda de seus clientes e davam empréstimos altíssimos para pessoas que posteriormente não poderiam pagar. Cada vez mais pessoas pegavam empréstimos para comprar as suas casas, seguindo com a ideia do American Dream, adquirindo dívidas que não poderiam pagar e, assim, causando um caos no mercado.

Os empréstimos eram direcionados para famílias tidas como frágeis que teriam que trabalhar muito para conseguir lidar com a nova dívida das



hipotecas. O próprio mercado imobiliário apelidou essas pessoas de forma pejorativa como “ninjas”, que seria uma sigla para sem patrimônio, sem renda, sem emprego.

Imagens - 16 e 17



“Os bancos emprestavam para qualquer coisa”

8.2 Securitização das Hipotecas

A securitização das hipotecas desempenhou um papel central na crise financeira de 2008, especialmente quando se tratava do mercado de empréstimos subprime. O processo de securitização envolveu a transformação de empréstimos hipotecários em títulos negociáveis conhecidos como títulos lastreados em hipotecas (MBS).

Instituições financeiras originaram empréstimos hipotecários subprime, concedidos a mutuários com históricos de crédito menos favoráveis. Esses empréstimos muitas vezes tinham condições iniciais atraentes, como taxas de juros iniciais baixas que poderiam se ajustar para valores mais altos no futuro. Os empréstimos subprime foram agrupados em pools, juntamente com outros tipos de empréstimos, formando pacotes diversificados de hipotecas. Esses pools foram criados para diluir os riscos individuais associados aos empréstimos subprime, tornando-os aparentemente menos arriscados quando considerados em conjunto.

Os pools de hipotecas foram transformados em títulos negociáveis, os MBS. Essa securitização permitia que os riscos e retornos dos empréstimos hipotecários fossem transferidos para os investidores que compravam esses títulos. Os MBS eram, então, vendidos nos mercados financeiros para uma ampla gama de investidores, incluindo bancos, fundos de investimento e outras instituições financeiras. Agências de rating atribuem classificação de risco aos MBS, avaliando a qualidade percebida dos ativos subjacentes. Infelizmente, essas agências muitas vezes subestimaram os riscos



associados aos empréstimos subprime, concedendo classificações mais elevadas do que a realidade justificava.

A securitização aumentou a complexidade e a opacidade do sistema financeiro, uma vez que os investidores frequentemente não tinham uma visão clara dos ativos subjacentes nos MBS. Isso resultou em uma disseminação ampla e não transparente dos riscos associados aos empréstimos subprime, comprometendo a estabilidade do sistema financeiro global.

Imagens - 18 e 19



8.3 Baixas Taxas de Juros

Antes da crise financeira, um cenário de baixas taxas de juros desempenhou um papel significativo no ambiente econômico e financeiro, contribuindo para o desenvolvimento de uma série de fatores que culminaram na crise.

Nos primeiros anos do século XXI, após a recessão decorrente da bolha da internet (pontocom), os principais bancos centrais, incluindo o Federal Reserve nos Estados Unidos, adotaram políticas monetárias acomodáticas. O objetivo era estimular o crescimento econômico e evitar a deflação, e isso foi alcançado através da redução das taxas de juros de curto prazo. Um dos pontos que desestabilizaram a nação americana, além da bolha da virada do século, foram os atentados ocorridos no dia 11/9, em que um grupo de terroristas destruiu o World Trade Center de Nova Iorque, o prédio era de importância matriz na economia americana. Os edifícios abrigavam escritórios de diversas empresas e de corporações financeiras.

As baixas taxas de juros tornaram o crédito mais acessível para os consumidores e incentivaram a tomada de empréstimos para compra de casas. Isso alimentou a demanda por habitação e contribuiu para o crescimento do mercado imobiliário, desencadeando, em parte, o aumento dos preços dos imóveis. Investidores, enfrentando baixas taxas de juros em investimentos tradicionais, como títulos do governo, buscaram ativos que



oferecessem retornos mais atrativos. Isso levou a um aumento na procura por investimentos mais arriscados, como títulos lastreados em hipotecas (MBS) e outros produtos financeiros complexos.

As baixas taxas de juros contribuíram para a criação de bolhas de ativos, particularmente no setor imobiliário. O fácil acesso ao crédito incentivou a especulação, levando a um aumento nos preços dos imóveis, que, em última instância, não eram sustentáveis em longo prazo. O ambiente de baixas taxas de juros nos Estados Unidos teve efeitos globais, influenciando as decisões de política monetária em outros países. Muitos países também adotaram políticas de juros baixos para estimular o crescimento econômico, resultando em uma expansão global do crédito.

8.4 Confiança Excessiva no Setor Financeiro e Inovações Financeiras Complexas

A confiança excessiva no mercado financeiro foi um fator crítico que contribuiu para o desenvolvimento de uma série de práticas arriscadas e para a criação de uma bolha nos mercados de crédito e imobiliário.

Durante o período que antecedeu a crise, houve uma atmosfera de exuberância irracional nos mercados financeiros. Investidores, instituições financeiras e até mesmo consumidores estavam excessivamente otimistas em relação ao crescimento econômico contínuo, à valorização dos ativos e à estabilidade do sistema financeiro. A confiança excessiva estava intimamente ligada à crença generalizada na estabilidade contínua dos preços dos imóveis. Muitos acreditavam que o mercado imobiliário, especialmente nos Estados Unidos, era infalível e que os preços das casas continuariam a subir indefinidamente.

A confiança exagerada levou a uma desconsideração generalizada dos riscos associados aos empréstimos subprime. Muitos investidores e instituições financeiras acreditavam que os produtos financeiros complexos lastreados em hipotecas (MBS) eram seguros, ignorando a qualidade precária dos ativos subjacentes. Muitos modelos de risco utilizados por bancos e instituições financeiras para avaliar a segurança de seus investimentos falharam em capturar adequadamente os riscos envolvidos. A confiança excessiva nesses modelos levou a uma subestimação significativa dos riscos associados aos produtos financeiros complexos e à exposição a ativos de baixa qualidade. A confiança excessiva também estava ligada à crença na eficácia da desregulamentação financeira. A ideia predominante era que os mercados poderiam se auto-regular e que as



intervenções regulatórias eram desnecessárias. Isso permitiu práticas arriscadas e especulativas sem a devida supervisão.

Uma das características marcantes da crise foi o desenvolvimento e a utilização generalizada de invenções financeiras complexas, produtos estruturados e derivativos que contribuíram significativamente para a turbulência nos mercados financeiros. Essas inovações eram muitas vezes opacas e de difícil compreensão, levando a uma falta de transparência e exacerbando os riscos sistêmicos.

Essas invenções financeiras complexas foram frequentemente impulsionadas pela busca de maiores retornos em um ambiente de baixas taxas de juros. No entanto, a complexidade desses produtos dificultou a avaliação e a gestão adequada dos riscos associados.

Imagens - 20 e 21



8.5 O Sentimento do American Dream

O "Sonho Americano" refere-se à crença cultural de que, nos Estados Unidos, é possível alcançar o sucesso e a prosperidade através do trabalho árduo e da dedicação, muitas vezes simbolizado pela propriedade de uma casa. Antes da crise de 2008, essa ideia do Sonho Americano estava fortemente ligada à compra de casa própria, e vários fatores contribuíram para uma euforia generalizada em torno do mercado imobiliário.

As instituições financeiras facilitaram o acesso ao crédito hipotecário, oferecendo empréstimos com condições iniciais atrativas, como taxas de juros inicialmente baixas e requisitos de entrada reduzidos. A crença de que os preços das casas continuariam a subir era difundida. Muitos acreditavam que a propriedade de imóveis era um investimento seguro e lucrativo a longo prazo, alimentando uma corrida para entrar no mercado imobiliário antes que os preços subissem ainda mais. A especulação imobiliária tornou-



se comum, com investidores comprando propriedades com a intenção de vendê-las rapidamente para obter lucros rápidos. Isso exacerbou a demanda por imóveis e contribuiu para o aumento dos preços.

Produtos financeiros inovadores, como empréstimos subprime e hipotecas de taxa ajustável, tornaram-se populares. Esses produtos ofereciam condições iniciais atrativas, mas frequentemente apresentavam riscos significativos, como taxas de juros que poderiam aumentar substancialmente ao longo do tempo. A desregulamentação do setor financeiro permitiu práticas arriscadas e contribuiu para a falta de supervisão adequada. As instituições financeiras estavam, em muitos casos, livres para criar produtos complexos sem uma avaliação rigorosa de seus riscos.

A cultura do endividamento era prevalente, com muitas pessoas assumindo hipotecas e empréstimos com base na expectativa de que o valor de suas propriedades continuaria a crescer, permitindo-lhes refinanciar ou vender suas casas com lucro. A propriedade de uma casa era vista não apenas como um investimento financeiro, mas também como um símbolo de estabilidade, sucesso e realização do “Sonho Americano”. Esse apego cultural à propriedade de imóveis contribuiu para a euforia no mercado.

Imagens - 22 e 23





9. Desencadeamento da Crise

**“O medo se espalhou em setembro de 2008
De uma forma que parecia um tsunami”
-Warren Buffett**

Este ponto será organizado de uma maneira um pouco diferente do restante do guia, pois os momentos iniciais do início da crise estão muito conectados. Nesse passo, apenas organizamos os fatos em ordem cronológica e indicaremos os pontos e nomes a serem destacados.

A crise teve seu início trágico em 2007, com o famoso nome de **Crise do Subprime**. Por conta dos empréstimos mal avaliados do modelo subprime, já tratados anteriormente no guia, o índice Dow Jones teve uma queda brusca levando a um medo generalizado no dia 24 de julho de 2007. Os antecedentes da crise foram principalmente um episódio ocorrido em 2006, no qual os imóveis que estavam com preços altíssimos, agora estavam com seu valor claramente baixo. Essa queda no valor das moradias arrastou diversos bancos à beira de um precipício que estava se mostrando cada vez maior com o tempo. Em razão desses acontecimentos, começou uma desconfiança no mercado imobiliário e financeiro, sendo que diversos economistas já estavam prevendo a crise que se estabelecia.

O dia culminante da crise foi 15 de setembro de 2008, quando o grande banco de investimento **Lehman Brothers** declarou falência publicamente. O banco foi fundado em 1850, sendo um dos bancos clássicos de Wall Street e tinha como especialidade investimentos dentro e fora da América. No meio imobiliário seu maior negociante era o tesouro americano. O banco tinha como sede principal a filial de Wall Street em Nova Iorque, no entanto, possuía sedes também em Londres, Tóquio e escritórios espalhados pelos continentes. Por conta do agravamento da já vigente crise do subprime, o banco pediu sua falência pois já estava com prejuízos altíssimos. O acontecimento ficou marcado para a história como a maior falência que os americanos já viram.

Imagens - 25





Na corporação, trabalhavam cerca de 10 mil funcionários, os quais a maioria foi demitida de maneira veloz. No dia seguinte, o banco britânico Barclays já se mostrava com um acordo a ser aprovado a fim de comprar diversas sedes ao redor da América, incluindo a principal em Nova Iorque, e parte da área de investimento do banco. Apenas seis dias após a proposta britânica, a Nomura Holdings anunciou que havia adquirido as partes da Lehman Brothers no Pacífico, incluindo Japão, Hong Kong e Austrália.

Os danos que a queda do banco causou foram astronômicos, começando com o pedido do capítulo 11 do código de falência norte-americano e anunciando um prejuízo de 3,9 bilhões de dólares. Foi organizada, durante o fim de semana, uma reunião de emergência com, de um lado, o chefe do tesouro americano e o presidente da Reserva Nacional e, do outro, com os presidentes dos bancos JP Morgan, Citigroup, Morgan Stanley, entre outros. Já estava estabelecido que essa falência poderia causar uma crise enorme em toda América, por estar relacionada intimamente com outras crises e bolhas.

Quando começa o dia no Oriente, já se vê os resultados que a quebra de um dos maiores bancos de investimento causou no mercado de ações. Essa reação causou um pânico mundial. Dessa forma, quando se abre a bolsa, pela manhã na América, começa um efeito manada de vender suas ações resultando em uma queda brusca nas ações ao redor do globo. As quedas foram as maiores desde o atentado de 11 de setembro. Dessa forma, o **S&P 500** caiu 4,71%, o famoso **Dow Jones** recuou 4,42% e por fim, os Lehman Brothers despencaram totalmente com 94,25%. Por conta disso os acionistas, por medo de perder mais ainda o valor de suas ações, decidiram vender e sacar o dinheiro que obtinham no momento, porém os bancos não conseguiam lidar com essa quantidade tão alta de saques que acabou causando muita desconfiança no mercado que já estava alarmante. No dia seguinte, as bolsas mundiais perderam mais de 30% de seus respectivos valores, isso já levou a um pânico dentro do governo, pois já estava claro que a crise iria superar apenas o mercado financeiro e entrar no âmbito social.

Com a queda da AIG, uma das maiores seguradoras do país, o **governo norte-americano interveio**, injetando recursos públicos para tentar salvar a companhia. Resumidamente, o governo colocou o dinheiro dos contribuintes em uma empresa privada para tentar salvá-la. Além disso, as agências avaliadoras de risco estavam com um papel muito complexo: avaliar positivamente os CDOs que eram, na realidade, péssimos negócios, a fim de apenas acalmar a população. Pouco após a intervenção do Estado, começaram conversas internas para entender e culpar as causas da crise que se instaura, a partir dali se conversava sobre a organização da reunião que estaremos a reproduzir do G20. Não se passa muito tempo e Citigroup,



Swiss re, UBS, Northern Rock e Société Générale declararam perdas enormes, causando uma queda no mercado financeiro ainda maior e uma desconfiança no mesmo.

Imagens - 25, 26 e 27



10. Conseq ncias Imediatas da Crise

10.1 Repercussões Sociais

A crise logo resultou em uma recessão global, que, resumidamente,   a indica o que o PIB está diminuindo. Além disso, por conta do mercado financeiro, diversas empresas pediram falência ou tentaram cortar custos, o que nos leva ao primeiro problema social relacionado   crise: o desemprego. O desemprego aumentou consideravelmente no período da crise, pois os cortes de gastos acabaram diminuindo o pessoal da empresa e diminuindo os salários, sem contar as que entraram em falência, nas quais todos perderam seus trabalhos. Dessa forma, quem conseguiu, pelo menos, manter seu emprego tinha que trabalhar muito mais por conta do corte de pessoal e acabava ganhando menos. Na época, se tornou muito complexo conseguir outro emprego, pois as empresas, mesmo as que não foram tão atingidas, não queriam arriscar com novas contrata es em um momento



de tanta tensão. O índice de desemprego no país cresceu cerca de 10%, levando a 15,4 milhões de desempregados.

Um aspecto que ficou mais evidente juntamente com o anterior foi a crise habitacional oriunda da perda de moradias. Com um colapso evidente no mercado imobiliário, foram feitas execuções hipotecárias em larga escala. Isso levou a diversas pessoas perderem suas moradias, muitas começaram a dormir em seus próprios carros ou alugar trailers, boa parte da população também procurou morar com seus familiares ou amigos. Tal problema habitacional prejudicou a todos, pois os proprietários de imóveis também estavam, muitas vezes, com sérios problemas com o mercado de suas profissões e tinham, por dificuldades financeiras, que expulsar os inquilinos. Ficou cada vez mais comum ver pessoas sem teto nas ruas estadunidenses, mostrando a realidade de quem não obteve apoio ao enfrentar a crise.

Quando não se há emprego nem moradia outro problema aparece: a fome. Os números de norte-americanos que passavam fome ou diziam passar dificuldades em arcar com os preços dos alimentos estava aumentando exponencialmente. O Departamento de Agricultura dos EUA afirmou que, em 2008, 14,6% dos domicílios americanos - ou cerca de 50 milhões de pessoas - tiveram dificuldades para comer no país, incluindo uma em cada quatro crianças. O índice de 2009 não foi totalmente concluído. No entanto, aponta para uma porcentagem bem acima de 16%, de acordo com especialistas. Entre essas famílias, se mostrou recorrente histórias, nas quais os pais deixam de comer para dar aos filhos, quando não havia comida suficiente. Mesmo com essas histórias, em torno de 500 mil admitiram que suas crianças foram afetadas pela escassez de alimentos nas crises.

Outra grande consequência da crise foi a perda abrupta da riqueza pessoal no seu decorrer. A queda do valor de todos os ativos foi muito evidente, principalmente no setor imobiliário e financeiro. As famílias de classe média, que viviam em meio ao capitalismo, olhavam com bons olhos investimentos pequenos, tais como, no ramo imobiliário e portfólios no mercado de ações. Eram uma boa opção para obter uma renda extra. Dessa maneira, a reserva financeira das famílias estava totalmente debilitada com a crise nesses setores, causando uma queda em seu poder aquisitivo, e, assim, levando a problemas no setor de compras em pequenas e microempresas. Outro fator muito relevante foi a insegurança financeira do futuro das famílias a longo prazo, com objetivos como aposentadoria, educação superior dos filhos e até metas financeiras.



A crise não apenas abalou os alicerces do sistema financeiro global, mas também teve um impacto profundo na saúde mental de indivíduos em todo o mundo. O aumento significativo na incerteza econômica, a perda de empregos, a instabilidade financeira e a pressão psicológica associada à crise contribuíram para uma série de desafios de saúde mental. Indivíduos que anteriormente se sentiam seguros em suas posições financeiras de repente enfrentaram uma montanha-russa emocional, com preocupações crescentes sobre a capacidade de sustentar suas famílias e manter um padrão de vida que antes consideravam garantido. A pressão financeira muitas vezes levava a conflitos familiares, aumentando as taxas de divórcio e tensões domésticas. O acesso limitado a cuidados de saúde mental durante a crise agravou ainda mais a situação. Muitas pessoas que precisavam de apoio psicológico encontraram barreiras para obter tratamento devido a restrições financeiras e falta de cobertura adequada de seguros de saúde.

Imagens - 28 e 29



10.2 Mercado de Financeiro

Muitas foram as consequências que a crise desencadeou em todo o mercado financeiro. Por ser um setor vasto com diferentes tipos de aplicações, vamos colocar os setores e tipos de investimento que foram mais afetados. Com graves problemas desde bancos até o setor imobiliário, a crise foi devastadora para todo o sistema financeiro em si.

O principal sintoma que escancarou a crise foram as falências de diversas empresas e instituições financeiras de renome nos Estados Unidos. A primeira instituição e a que disparou a crise ao público foi o já citado banco Lehman Brothers Inc. O banco tinha, como já visto, uma importância enorme em Wall Street e em todo o setor financeiro em si. Após a



declaração de falência dos Lehman Brothers, seguiram-se diversas outras falências de outras empresas e instituições e, por conta disso, bancos que estavam estabilizados financeiramente se utilizaram da crise para adquirir as instituições desestabilizadas. O famoso Bank of America comprou a LaSalle Bank Corporation, contendo todos seus escritórios ao redor do globo, além do Michigan National Bank. Outro personagem muito relevante foi o Washington Mutual, conhecido como WaWu, que se tornou uma das maiores associações de empréstimos dos Estados Unidos. Com diversas sedes em todos os estados, ele era conhecido como “Wall-Mart dos bancos” por conceder empréstimos a pessoas de baixa e muita baixa renda, coisas que alguns bancos viam como inseguro. Logo no início da crise, o banco fez demissões em massa e pediu sua falência.

Outra característica vista na crise foi a nacionalização de diversas empresas, principalmente dentro do setor financeiro. Este método foi usado ao redor do mundo por diversas nações que viam seus bancos e empresas de extrema importância sujeitos à falência. Desse modo, diversas empresas e instituições financeiras norte-americanas pediram ajuda ao governo, que as ajudou na maioria dos casos e, em alguns casos, as nacionalizou, assim se tornando empresas públicas.

A crise teve um efeito devastador na bolsa de valores americana. O índice Dow Jones Industrial Average (DJIA), que representa 30 das principais empresas americanas, sofreu uma queda notável. Em setembro de 2008, o DJIA teve uma das piores semanas de sua história, registrando perdas significativas. No dia 29 de setembro de 2008, o índice caiu mais de 770 pontos, marcando uma redução de mais de 7%. Além disso, o índice composto NASDAQ, que é conhecido por abrigar muitas empresas de tecnologia, também experimentou quedas substanciais. Empresas de setores variados viram suas avaliações encolherem drasticamente à medida que os investidores reagiam à incerteza econômica e aos desdobramentos da crise financeira.

A crise financeira de 2008 não ficou confinada aos Estados Unidos; seus efeitos reverberaram globalmente, afetando bolsas de valores em todo o mundo. Os principais índices, como o FTSE 100 em Londres, o DAX na Alemanha e o Nikkei 225 no Japão, também sofreram quedas expressivas.



Em muitos casos, as perdas foram exacerbadas pela interconexão global dos mercados financeiros e pela exposição a produtos financeiros complexos vinculados a ativos tóxicos. Na Europa, por exemplo, o FTSE 100 despencou acentuadamente, refletindo a exposição dos bancos europeus a ativos problemáticos. O DAX na Alemanha também sofreu perdas substanciais, indicando os desafios enfrentados pelas principais economias europeias. No Japão, o Nikkei 225 testemunhou quedas significativas, destacando a natureza global da crise e seus efeitos sobre as economias asiáticas.

11. Repercussões e Desafios dos Países em Desenvolvimento

11.1 África:

Muitos países africanos enfrentaram desafios econômicos decorrentes da crise. A queda nos preços das commodities, como petróleo, minerais e produtos agrícolas, impactou negativamente as exportações desses países. Além disso, a redução do investimento estrangeiro direto (IED) e a escassez de crédito internacional prejudicaram o crescimento econômico. Na Nigéria, por exemplo, um grande exportador de petróleo, a economia foi impactada devido à queda nos preços do petróleo. Tal acontecimento não foi exclusivo da Nigéria sendo percebido em diversas nações ao longo do continente. A crise teve implicações sociais significativas na África, onde muitos países enfrentaram aumentos no desemprego e na pobreza. A redução do investimento estrangeiro direto e a queda nos preços das commodities impactaram negativamente as oportunidades de emprego, exacerbando os desafios sociais existentes. Além disso, a diminuição da receita pública dificultou o financiamento de programas sociais, afetando áreas como saúde e educação. Na África do Sul, por exemplo, ocorreram protestos relacionados à insatisfação com as condições de vida, o desemprego e a percepção de que as promessas de emprego e melhoria econômica não estavam sendo cumpridas.

11.2 Ásia:



A região da Ásia, apesar de ter experimentado um crescimento econômico robusto antes da crise, não escapou dos impactos. Muitos países asiáticos, especialmente exportadores, sentiram os efeitos da demanda global enfraquecida. As economias altamente dependentes de exportações, como as do Sudeste Asiático, enfrentaram uma desaceleração nas vendas externas. O Japão, por exemplo, teve uma redução nas exportações e na produção industrial, levando a uma queda de seu crescimento econômico. Em muitos países asiáticos, a crise resultou em demissões e aumento do desemprego, especialmente em setores orientados para exportação. A China, por sua vez, enfrentou protestos e agitação social de trabalhadores que perderam seus empregos devido à desaceleração nas exportações. A pressão sobre os sistemas de bem-estar social em alguns países asiáticos também aumentou à medida que as comunidades lidavam com os impactos econômicos. Logo protestos grandes começaram a se formar em países de economia industrial e tecnológica além da China, como Coreia do Sul e Tailândia.

11.3 América Latina:

A América Latina também enfrentou desafios durante a crise de 2008. A região é um grande exportador de commodities, e a queda nos preços desses produtos afetou negativamente as receitas de exportação. Além disso, a escassez de crédito internacional teve impacto nas finanças de muitos países. O México, por exemplo, sofreu uma desaceleração econômica devido à queda nas exportações para os Estados Unidos e à falta de investimento estrangeiro. A América Latina experimentou um aumento da pobreza e da desigualdade como resultado da crise. A deterioração das condições econômicas levou a tensões sociais, manifestações e protestos em vários países. A insatisfação com a situação econômica também contribuiu para a ascensão de movimentos populistas em algumas nações latino-americanas.

11.4 Oriente Médio:



Países do Oriente Médio, especialmente aqueles dependentes do petróleo, foram afetados pela queda nos preços do petróleo após a crise. As receitas dos exportadores de petróleo diminuíram, impactando orçamentos nacionais e planos de desenvolvimento. Com os orçamentos baixos, foi necessário cortar diversos programas sociais dos países árabes, levando a graves problemas aos menos favorecidos. Tal conjuntura fez aumentar a desigualdade social que já era grande na região, com uma iminente crise de desemprego especialmente entre os jovens. Tais complicações ficaram marcadas por serem parte do prelúdio que causou a famosa primavera árabe no Oriente Médio.

11.5 Europa Oriental:

Os países da Europa Central e Oriental, muitos dos quais passaram por transições econômicas após o colapso do bloco soviético, também enfrentaram impactos significativos. A falta de acesso a crédito internacional e a queda nas exportações prejudicaram o crescimento econômico. Países, como Hungria e Letônia, tiveram que buscar ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) para enfrentar desafios econômicos. Em muitos países da Europa Oriental, a crise teve um impacto social profundo. Aumentos no desemprego e a redução das condições de vida levaram a protestos e agitação social. A instabilidade econômica também contribuiu para um aumento nas migrações, à medida que os trabalhadores buscavam oportunidades em outros lugares da União Europeia.

11.6 Oceania:

A Oceania, composta principalmente por países como Austrália e Nova Zelândia, também sentiu os efeitos da crise. Embora essas nações tenham enfrentado a crise de maneira relativamente melhor do que outras regiões, a desaceleração econômica global teve impactos nas exportações de commodities e no setor financeiro. Outras nações muito menores do continente já possuíam uma economia muito instável e que foi prejudicada pela crise.



Além disso, muitas nações que dependem do turismo sofreram os efeitos da estagnação no fluxo de turistas decorrente da perda de riqueza pessoal ao redor do globo. Na Oceania, as consequências sociais foram sentidas principalmente através da pressão sobre os sistemas de bem-estar social. A Austrália e a Nova Zelândia, embora relativamente bem posicionadas em comparação com outras regiões, enfrentaram desafios na gestão do desemprego crescente e na mitigação dos impactos sociais da crise.

Imagens - 30, 31 e 32





12. Dependência Monetária Internacional

A dependência internacional do dólar é uma das pautas de maior destaque do debate com as ideias de nações em desenvolvimento se rebelarem em união contra essa estabilidade. No entanto, primeiramente temos que compreender de que maneira foi estabelecida ao longo dos anos para termos um debate frutífero.

Após a Segunda Guerra Mundial, líderes globais se reuniram em Bretton Woods, New Hampshire, para criar um novo sistema financeiro internacional. O Acordo de Bretton Woods resultou na criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. Além disso, o dólar dos Estados Unidos foi escolhido como a principal moeda de reserva global, ancorada ao ouro. Isso significa que outras moedas eram atreladas ao dólar, e o dólar, por sua vez, era conversível em ouro.

Dessa maneira, desde os anos 40 já ficou pré-estabelecido o dólar como um tipo de “moeda neutra” para transações entre nações e empresas de diferentes países. O dólar americano ficou exposto como uma moeda segura e estável sem grandes perdas ou ganhos de valor em relação ao ouro. O dólar americano virou a moeda de reserva de diversos países a partir daí, com suas reservas nacionais em dólar a fim de estabilizar suas próprias moedas e aumentar o comércio internacional. Em suma, o custo dos EUA imprimir uma nota de US\$ 100 era de alguns centavos, ao passo que, para um outro país ter acesso à mesma nota em sua reserva cambial, precisaria entregar bens ou serviços equivalentes a esse valor.

“Com o final da Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra foi muito afetada, e os Estados Unidos ocuparam a posição hegemônica entre os países capitalistas. Essa hegemonia também se refletiu no panorama econômico”

-Rodolfo Coelho Prates

Na década de 1970, o sistema de Bretton Woods começou a enfrentar desafios significativos. Em 1971, o então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, suspendeu a conversibilidade do dólar em ouro, levando ao fim do padrão ouro-dólar. Isso marcou o início do sistema de taxas de câmbio flutuantes, no qual as moedas passaram a ter seus valores determinados pelos mercados cambiais. Esse fim não tirou o dólar como



moeda padrão mundial, continuou da mesma forma apenas o deixando mais acessível. Apesar do fim da convertibilidade direta com o ouro, o dólar manteve sua posição proeminente como principal moeda de reserva global. Governos, bancos centrais e instituições financeiras em todo o mundo continuaram a acumular grandes quantidades de reservas em dólares.

O dólar americano tornou-se a principal moeda utilizada em transações internacionais e como reserva de valor.

O dólar por si só já é há décadas a moeda vista como “internacional” ou “moeda-chave”. Deste modo, tem de se destacar os motivos pelos quais foram aceitos tais termos por tantos anos.

1. A **liquidez**, tendo em vista que o mercado de câmbio do dólar americano é o mais forte do mundo, facilitando transações internacionais;
2. A **estabilidade econômica** dos Estados Unidos e seu sistema financeira robusto tem grande valor na confiança em usar o dólar como reserva;
3. Os **ativos dolarizados** também têm papel fundamental, seriam esses títulos de governos, commodities, contratos comerciais utilizando o dólar americano.
4. Ser uma **moeda historicamente valorizada** e estável em relação às demais;
5. A **redução de impactos inflacionários** quando se trata de pagamentos internacionais.

A década de 1970 deu o início ao que ficou conhecido como o “petrodólar”, um acordo entre os Estados Unidos e diversos países produtores de petróleo. Tal acordo consistia que os litros de petróleo e suas variações seriam todos definidos por dólar americano. Dessa maneira, foi necessário que diversos países aumentassem suas reservas de dólares, pois, a partir daquele momento diversas transações envolvendo energia e combustível, seria a partir do dólar. Esse arranjo fez um aumento na demanda internacional e trouxe algumas complicações a nações com moedas mais desvalorizadas.



As dívidas em dólares também são um fator que se destaca nesse dependência mundial. Diversos países e empresas acabam por pagar dívidas de fundos que utilizam o dólar como moeda corrente, como o FMI. Mesmo não sendo a moeda corrente do país, eles acabam por optar mesmo assim, dessa forma, diversas dívidas são acumuladas em dólares, causando muitas vezes problemas ainda maiores para nações com moedas desvalorizadas em relação à norte-americana.

Mesmo sendo senso comum entre o mercado internacional, tal prática é muito prejudicial para nações em desenvolvimento e subdesenvolvidas. Dessa maneira, os problemas desse uso do dólar americano são como:

1. A **volatilidade cambial**, como várias moedas desses países, é frequentemente mais volátil em comparação com o dólar. Isso pode resultar em flutuações significativas nas taxas de câmbio, impactando negativamente as exportações e importações desses países e tornando suas economias mais suscetíveis a choques externos.
2. A **vulnerabilidade** das mudanças norte-americanas. A dependência do dólar torna os mais vulneráveis a eventos e políticas externas dos Estados Unidos. Mudanças nas políticas monetárias e fiscais nos EUA, por exemplo, podem ter efeitos diretos nos mercados financeiros e nas economias desses países.
3. **Risco das dívidas** como já citado, com muitos países contraindo empréstimos e emitindo títulos denominados em dólares. Isso cria um risco significativo, especialmente quando há flutuações nas taxas de câmbio. Se a moeda local se desvalorizar em relação ao dólar, o serviço da dívida em moeda estrangeira pode tornar-se mais oneroso.
4. A **soberania nacional** é muitas vezes debilitada com o dólar, podendo limitar a soberania monetária desses países. Eles podem se sentir compelidos a ajustar suas políticas econômicas para manter a estabilidade em relação ao dólar, mesmo que essas políticas não sejam as mais apropriadas para suas próprias condições econômicas internas.
5. Com a **política monetária restrita** à dependência do dólar, pode limitar a flexibilidade das políticas monetárias desses países. Eles



podem ter menos controle sobre as taxas de juros e a oferta de moeda, uma vez que as decisões dessas políticas podem ser influenciadas por fatores externos, como as ações do Federal Reserve nos Estados Unidos.

6. A predominância do dólar pode acentuar as **desigualdades globais**, concentrando poder econômico e influência financeira nas mãos dos Estados Unidos. Isso pode contribuir para um sistema internacional que favorece as economias desenvolvidas em detrimento das economias em desenvolvimento.

Além do já citado, a problemática diversas nações sofrem com diversas sanções norte-americanas que, por conta da importância do dólar, acabam se tornando muito maiores. E a lista de sanções aplicadas pelos EUA nos últimos anos não é curta. Inclui governos estrangeiros identificados por Washington como apoiadores do terrorismo, responsáveis pela proliferação de armas nucleares ou acusados de violações de direitos humanos e corrupção, como Irã, Cuba, Coreia do Norte, Síria, Belarus, Burundi, República Centro-Africana, Congo, Líbia, Nicarágua, Somália, Sudão do Sul, Venezuela, Iêmen e Zimbábue.

"O fato de os Estados Unidos terem poder para desligar outros governos ou empresas do sistema financeiro global baseado no dólar está muito ligado ao estatuto dominante da moeda"

-Zongyuan Zoe Liu



13. BRIC como Grupo de Apoio Econômico

A ideia dos BRIC foi idealizada primeiramente pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O'Neill em um de seus estudos, em 2001, "Building Better Global Economic BRICs". A partir desse artigo, o meio intelectual, econômico e político iniciou diversos estudos em relação ao possível novo grupo, que, na época não existia, era apenas uma ideia de nações semelhantes em aspectos econômicos. Era simplesmente uma ideia intelectual de estudos na época, não havendo nenhuma indicação da possibilidade e da viabilidade de os quatro países virem a constituir um grupo formal.

Em 2003, foi publicado um novo artigo Sonhando com os BRICs: A caminho de 2050. A teoria BRIC reconhece que as nações adaptaram seus sistemas políticos para abraçar o capitalismo global. De acordo com as projeções da Goldman Sachs, a China e a Índia estariam previstas para emergirem como os principais provedores mundiais de bens manufaturados e serviços, enquanto o Brasil e a Rússia assumirão papéis dominantes como fornecedores primários de matérias-primas. Portanto, a colaboração é considerada a próxima etapa lógica entre os BRICs, pois o Brasil e a Rússia se destacam como fornecedores evidentes de commodities para a Índia e a China. Dessa forma, os BRICs têm o potencial de estabelecer uma aliança econômica influente, desafiando os Estados modernos atualmente preponderantes, como os integrantes do G7. O Brasil lidera na produção de soja e minério de ferro, enquanto a Rússia detém vastas reservas de petróleo e gás natural.

A partir daí, Goldman Sachs começou a realizar relatórios de acompanhamento, detalhando como ia o desenvolvimento das que, até o momento, não eram uma união formalizada. Os acadêmicos da área começaram a acompanhar de perto como as nações mesmo não conectadas diretamente cresciam como era previsto.

Ao longo dos anos o termo foi ganhando muita popularidade, já sendo utilizado para representar tais países emergentes. Até que, no início de 2006, ocorreu o primeiro encontro formal entre as nações e seus líderes, nas vésperas da 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Dessa maneira, já



começou a se ver uma possível possibilidade de um novo grupo que poderia resultar em uma mudança na ordem mundial. A partir dessa primeira reunião, uma série de outras foram marcadas com altas pretensões ao longo dos posteriores meses. Os líderes das nações a partir daí marcaram as ideias e fundamentos do grupo econômico, visando sempre a cooperação entre as nações presentes, mesmo havendo certas discordâncias.

A partir de tais reuniões, é importante salientar quais foram os objetivos e funções traçadas pelo grupo. Primeiramente, os BRIC funcionam de forma muito diferente de outros blocos econômicos, sendo chamado muitas vezes até de grupo de cooperação internacional, obtendo apoio em outros setores além o da economia. Entre todas as ideias traçadas, a principal é ser um grupo de apoio mútuo e ativo entre países em desenvolvimento, visando um mundo mais justo e próspero. Esse mecanismo visa, também, à coordenação de políticas e ações voltadas para o desenvolvimento socioeconômico e ambiental dessas nações emergentes, para que elas possam crescer em conjunto e se integrarem cada vez mais no cenário geopolítico internacional.

O grupo desde suas primeiras reuniões conseguiu resultados ótimos se destacando mundialmente. As nações na crise de 2008 foram muito menos afetadas do que o norte global, por conta de sua união economicamente, o que chamou muita a atenção de nações em desenvolvimento que foram muito afetadas pela crise, assim as interessando o ingresso no grupo.

“BRICS: começou como sigla, evoluiu para rebeldia internacional e se consolidará como epitáfio do atlanticismo.”

-Robison F. Casal



Imagens - 33, 34 e 35





14. BRIC e sua Ampliação

O BRIC desde seu início foi uma união de países emergentes em busca de um mundo melhor e mais igualitário, com um início de apenas 4 nações, o grupo nunca foi limitado às mesmas. Sabemos que, posteriormente, o grupo adicionou países como África do Sul, Arabia Saudita, Etiópia etc. A questão que é trazida ao debate é que o grupo poderia aumentar de tamanho logo em seu início, visando uma melhora em relação à crise mundial e à dependência do dólar. Como já citado, os senhores têm a liberdade de organizar os BRIC da maneira que os senhores desejarem ao longo do debate, obtendo liberdade para até desmantelar, a fim de criar uma nova organização. Por conta disso, a direção de mesa acha muito válido tal tópico, pois atualmente os BRICS têm cada vez planos maiores de crescimento em número. No entanto, queremos tratar de que essa vontade de ampliação já estava desde 2006, logo é um desejo forte da organização sua ampliação visando seus objetivos.

Sempre houve debates internos em reuniões objetivando que o grupo tivesse novos membros, sendo esse países em desenvolvimento com outras indústrias e assim diversificando o grupo. Diversas nações já foram cotadas para entrar nos BRIC, muitas presentes no debate, estará especificado em cada representação. O grupo sempre buscou também uma ampliação geográfica, visando atingir mais áreas do globo, como países do mundo árabe, latino, africano e do sudeste asiático. Assim, o grupo obteria uma perspectiva muito maior diversificando suas visões e possibilidades.

A já citada Goldman Sachs, além de criar o termo BRIC, também deu sequência prevendo e opinando sobre possíveis novos membros. Em um de seus artigos, ela utiliza o termo “Next Eleven” ou “N11” para retratar os novos possíveis países a fazerem parte do bloco. Entre os países citados estão Bangladesh, Coreia do Sul, Egito, Filipinas, Indonésia, Irã, México, Nigéria, Paquistão, Turquia e Vietnã. Os critérios foram fatores como estabilidade macroeconômica, maturidade política, políticas de abertura de comércio e investimento e qualidade de educação. Isso não quer dizer que farão ou precisam fazer ao longo do debate sendo apenas uma previsão através de dados.



Imagens - 36



15. Panorama dos países

15.1 Comunidade da Austrália - Primeiro(a)-Ministro(a)

A Austrália, entre as nações mais próximas dos Estados Unidos, foi uma das menos afetadas pela crise, conseguindo avançar de uma maneira muito mais branda do que seus aliados. Isso é devido a sua política bancária forte, seus recursos naturais e sua taxa de desemprego sendo muito estável e controlada. Em geral, a Austrália conseguiu desviar-se bem da recessão global causada pela crise. No entanto, é necessário pontuar que, por seu tamanho, algumas áreas foram mais afetadas do que outras, mas ainda assim muito diferente de seus parceiros mais próximos.

Já quando tratamos sobre sua visão da dependência do dólar, a Austrália é uma aliada forte dos EUA, sendo a maior na Oceania. A nação não é diretamente afetada por tal problemática e possui laços fortes com a nação norte-americana, compartilhando seus aliados mais próximos. Canberra não vê a necessidade de uma mudança nesse sistema que coloca o dólar por sua força cambial e longa história de estabilidade, e se propõe contra possíveis mudanças por conta da imprevisibilidade e a falta de segurança financeira para o mundo com isso.



15.2 Canadá - Primeiro(a) Ministro

Mesmo pela nação canadense ser um dos aliados mais próximos e vizinhos dos EUA, assim como a Austrália, foi uma nação que não sentiu fortemente a crise, sendo um dos impactos menos severos entre os países desenvolvidos. Isso é decorrente entre outros fatores de seu sistema bancário muito bem consolidado, suas políticas de estímulo econômico, mercado imobiliário conservador e suas exportações de recursos naturais. No entanto, a nação não escapou totalmente da crise, pois tiveram uma desaceleração econômica e uma alta em sua taxa de desemprego. Em suma, a nação conseguiu desviar uma boa parte da crise que atingiu o mundo utilizando suas fortes instituições.

Em relação à dependência monetária internacional o Canadá tem uma visão muito conservadora economicamente, e apoia a persistência do modelo atual. A nação tem uma relação muito longa e próspera com os Estados Unidos, com parcerias desde econômicas a militares. As duas nações foram colônias britânicas e desde lá são muito unidas, e é de interesse de Ottawa a moeda mundial ser o dólar americano. O Canadá compartilha a maior parte dos aliados estadunidenses, sendo uma nação pacífica que não busca rixas com frequência.

15.3 Comissão Europeia - Presidente

A Comissão Europeia, por não ser uma nação em si e sim um braço de uma união política, não representa exatamente uma nação, e sim os interesses da organização e o auxílio de seus 27 países membros. Os países, em geral, que fazem parte da União Europeia sofrem muito por conta da crise, entre os resultados estão as dívidas soberanas vindas principalmente de Grécia, Irlanda, Portugal e Espanha. Os bancos europeus sofreram pela aquisição de ativos de alto risco já citados anteriormente no guia, juntamente com a alta do desemprego e, o que mais se destaca sobre a comissão em si, a baixa e desorganização do Euro.

Quando se trata em dependência monetária internacional, a comissão tem uma visão eurocentrista, pois não apoia a criação de novas moedas, a fim de combater tal dependência pois o Euro e o Dólar são



moedas relativamente parceiras e com forte vínculo. É benéfico para a comissão que os Estados Unidos continuem possuindo a moeda vista como neutra pois assim facilita muito o comércio exterior europeu, que internamente já possui sua própria moeda corrente. A União Europeia não tem a menor pretensão de ampliar o Euro para fora da Europa, por ser uma organização extremamente eurocentrista apenas visando a melhora e apoio do seu próprio continente. Dessa maneira, é benéfico que uma moeda de um de seus maiores aliados seja a moeda neutra mundialmente dominando o mercado exterior.

15.4 Estados Unidos da América - Presidente

Os Estados Unidos foram os iniciadores e os mais afetados pela crise que enfraqueceu muito sua economia em todos os pontos de vista. Quanto aos setores e como foram atingidos, já foi explicado detalhadamente ao longo do guia, logo não iremos citar novamente os dados e acontecimentos. A nação irá receber líderes de todo mundo nesta reunião para debater como ela e os demais conseguiram sair dessa crise que está aterrorizando o mundo. A economia norte-americana no momento está extremamente fragilizada e de seus maiores aliados também logo é de extrema importância a união destes para um apoio mútuo ao longo das sessões.

Logo, tratando sobre a dependência mundial do dólar, a nação logicamente é totalmente contra qualquer mudança nesse sistema. Como sua economia se encontra em um estado fragilizado, qualquer mudança em sua soberania poderia causar um grande estrago para sua relevância geopolítica. Washington não descarta e pode usar sanções econômicas a nações que tentem mudar sua hegemonia global, assim como já fizeram com diversas nações que tentaram. A nação tem a moeda mais utilizada para uso comercial e de trocas, isso a dar uma importância gigantesca que caso a perdê-la levaria a uma grande queda em seu poder.

Dessa forma, a nação busca principalmente propostas para resolver a crise e não uma mudança na dependência monetária, a vendo como uma proposta instável, imprevisível, perigosa e ameaçadora. A nação sempre se colocou separada do mercado como instituições que não se misturaram, no entanto, a visão do país mudou pelas condições que se tem passado.



“Eu acredito muito na livre iniciativa, por isso o meu instinto natural é se opor a intervenção do governo. Eu acredito que as empresas que tomam más decisões devem sair do mercado. Em circunstâncias normais, eu teria seguido esse curso. Mas estas não são circunstâncias normais. O mercado não está funcionando corretamente. Houve uma perda generalizada de confiança, e grandes setores do sistema financeiro da América estão em risco”.

-George W. Bush

15.5 Estados Unidos Mexicanos - Presidente

O México foi uma das nações da América mais afetadas e isso fica evidente pela sua dependência dos Estados Unidos. A crise o afetou de diversas formas: o aumento drástico do índice de desemprego, a redução do investimento estrangeiro, a dependência dos EUA e a queda em sua economia. Além disso, o preço do Peso Mexicano caiu drasticamente pela crise. O México foi uma nação bem afetada pela crise, muito mais do que outras nações latinas, tendo em vista que tem uma aliança forte com os Estados Unidos. No entanto, essa aliança foi balançada, já que os EUA não deram o apoio devido ao México. Isso causou um peso no governo mexicano, dado que um de seus maiores parceiros teriam os causado tanto prejuízo.

A nação tem uma posição complexa quando se trata da dependência mundial do dólar, por ser parceiro há décadas dos Estados Unidos, porém tendo sua moeda afetada negativamente por conta da crise. A nação já demonstrou interesse em maiores alianças e negociações com nações emergentes como a mesma, porém receia de se afastar dos EUA, dada sua relação de dependência. A nação necessitaria de muito apoio de outros países emergentes para se afastar do causador da crise.

15.6 Federação Russa - Presidente

A nação russa foi significativamente afetada pela crise, debilitando alguns aspectos de sua economia. Isso foi dado principalmente pela necessidade do país em exportar recursos naturais como petróleo e gás. Quando esses caíram de preço, foi instaurado um problema para a



economia russa. Com isso, o país enfrentou uma grande fuga de investimentos estrangeiros, pois não valia mais a pena investir em recursos russos. Dessa maneira, o setor bancário russo sofreu muito com a crise, que logo gerou uma recessão econômica em todo país. Tudo isso causou uma inimizade ainda maior com os EUA, pois a Rússia não tinha o menor envolvimento direto na crise e teve perdas econômicas muito elevadas. Desse modo, o Rublo logo perdeu seu valor, deixando a nação ainda mais indignada.

Moscou acha muito necessário essa retirada do dólar como moeda internacional, pois prejudica totalmente as nações em desenvolvimento e subdesenvolvidas. Em parte, a Rússia espera e prevê seus avanços econômicos muito por parte dos BRIC e de uma união com outras nações em desenvolvimento. A Rússia vê que o dólar é usado muitas vezes como arma pelos Estados Unidos em sanções econômicas e vezes sem intenção acaba afetando nações que não são culpadas de nada. É de interesse russo explícito essa quebra na política monetária internacional, visando o bem econômico mundial e não apenas dos desenvolvidos. Moscú, diferente de outras nações, que veem como desnecessária essa nova política monetária, vê como a única saída para que crises assim não voltem a ocorrer.

15.7 Japão - Primeiro(a) Ministro(a)



A nação japonesa já lidava até antes da crise com problemas estruturais em sua economia: o envelhecimento de sua população, a baixa taxa de natalidade e a deflação crônica. Por esses fatores o governo japonês esteve muito preocupado com a nação, que sofreu com a crise tanto pela dependência de exportações, as quais constituem boa parte de sua economia, quanto pela desaceleração da economia, pela persistência da deflação e pela desvalorização do iene. O governo japonês se viu, desse modo, necessitado em fazer uma intervenção estatal na economia. Assim, o Banco Nacional Japonês realizou programas para incentivar a economia, enquanto prestava ajuda às instituições financeiras.

Dessa maneira, o Japão espera passar pela crise que atinge sua nação. Em relação à dependência monetária internacional, o Japão é um dos maiores aliados dos EUA na Ásia, e é benéfico a nação o dólar continuar



sendo a moeda internacional. A nação nipônica tem uma política conservadora economicamente, possuindo grande confiança no uso do dólar internacionalmente. Com muitos acordos comerciais com a nação norte-americana, o Japão terá papel de defendê-la frente ao oriente nesse momento delicado.

15.8 Países Baixos - Primeiro(a) Ministro(a)



Os Países Baixos, mesmo sendo uma pequena nação em território europeu, possui uma economia diversificada, que sofreu muito com a crise econômica. O sistema bancário neerlandês sofreu muito com os ativos tóxicos comprados vindos dos EUA. A queda mundial das exportações afetou gravemente o setor da manufatura holandesa, e com essa baixa a economia se encontrou muito enfraquecida. O mercado imobiliário do país também sofreu com a desvalorização dos imóveis e com uma queda nos investimentos na área de construção. A nação enfrenta novos problemas com o desemprego que costumava ter índices baixos, muito fora do normal.

Dessa maneira, Amsterdã segue, juntamente com a União Europeia e seus aliados próximos, a tendência de manter o dólar como moeda internacional. Por sua reputação de moeda neutra e internacional, os Países Baixos prezam por uma segurança financeira, principalmente nesse momento de crise mundial. Se vê, nos olhos neerlandeses, uma falta de necessidade dessa nova política. Dessa forma, mesmo sendo uma nação convidada para a cúpula, os países baixos mostram forte nome à represália de uma alteração à hegemonia da política vigente Euro-Dólar.

15.9 Reino da Arábia Saudita - Príncipe Herdeiro/ Primeiro(a) Ministro(a)



O Reino da Arábia Saudita, país localizado no continente asiático, tem a sua economia baseada na extração e comercialização do petróleo. A partir da década de 1990, após a Guerra Fria, o petróleo tomou um papel importante na economia mundial, aumentando imensamente a sua produção e comercialização. Com isso, outros países foram se tornando altamente dependentes do petróleo dessa região, dando cada vez mais



importância para a Arábia Saudita no cenário econômico. O país tornou-se, assim, o maior exportador desse mineral do mundo, além de possuir as maiores reservas no seu território.

A Arábia Saudita possui o controle de 95% dessas reservas, dividindo uma parte com o antigo parceiro, os Estados Unidos. No entanto, com a crise de 2008, vê como oportunidade de tomar hegemonia total da produção, assumindo-se como uma das mais importantes potências mundiais. Assim, sua posição é contrária à dominância do dólar, apoiando que outra moeda assumira a sua posição, como forma de desestabilizar os EUA e solidificar sua posição no cenário mundial, valorizando seus recursos naturais.

15.10 Reino da Espanha - Primeiro(a) Ministro(a)



O Reino da Espanha, país pertencente à União Europeia, foi muito afetado pela crise de 2008. A crise na Espanha ocorreu pelo mesmo motivo dos Estados Unidos: a explosão da bolha imobiliária, deixando a economia do país em grande decadência. Além disso, por conta dos excessivos direitos trabalhistas, as empresas espanholas utilizaram o artifício da contratação temporária, como forma de esquivar-se de toda a burocracia e tornando os processos de desligamento dos funcionários mais fáceis e menos custosos. Assim, com a crise explodindo no país, o desemprego alavancou exponencialmente. Foram demissões em massa que causaram um alto nível de espanhóis sem emprego, sem uma forma de sustento.

Buscando uma forma de manter a estabilidade e uma maior segurança financeira, o Reino da Espanha mantém-se junto à União Europeia, defendendo que o dólar siga sendo a moeda dominante no cenário mundial. Em meio a tantas incertezas, a Espanha terá o importante papel de sustentar o posicionamento da União Europeia como um todo, para que se mantenham estáveis nesse período de crise, evitando mais consequências drásticas para a população e economia de seu país.



15.11 Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte - Primeiro(a) Ministro(a)



O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, país pertencente à União Europeia, também sofreu bastante com a crise de 2008. O otimismo e alto crescimento econômico do país em 2007 de repente se viram substituídos pelo medo e pela completa desestabilização da economia. No dia 10 de agosto de 2007, a bolsa de valores teve a maior queda em quatro anos, de 3,7%, o que evidencia uma grande decadência da economia britânica. Apesar de tentativas de auxílio vindos por parte do governo, a partir do Banco da Inglaterra, nada parecia adiantar para frear os impactos dessa crise avassaladora. A moeda do país, a Libra Esterlina, sofreu uma grande queda também, estando muito desvalorizada no ano de 2008. Mesmo assim, segue contrária à utilização do Euro como moeda vigente do país, acreditando que a Libra voltará a crescer.

No entanto, apesar de diferenças na política monetária, o Reino Unido mantém o mesmo posicionamento adotado pela União Europeia, defendendo a soberania do dólar no cenário econômico mundial. Como uma forma de manter-se fiel ao seu aliado, os Estados Unidos, o Reino Unido acredita que, com a continuidade do dólar como moeda dominante, será mais fácil estabilizar a economia, sem grandes mudanças no panorama mundial e garantido a sua posição de poder. Com a valorização do dólar, tudo indica que a Libra voltará a ser valorizada, e assim o país poderá voltar a crescer e se estabilizar como anteriormente.

15.12 República Árabe do Egito - Presidente



O Egito é uma das grandes potências no mundo Árabe, sendo destaque na produção de petróleo, uma das bases de sua economia. Por conta disso, diversos outros países apresentam interesse no seu território, o que o consolida como uma nação de bastante relevância no cenário econômico mundial. Com a crise de 2008, o país se viu muito abalado. Juntamente aos fatores econômicos, o Egito ainda precisou enfrentar o crescimento de sua população, o que acarreta altos índices de pobreza e desemprego em um país pouco desenvolvido. Todo o Oriente Médio se viu



sem o investimento de outros países, que buscavam frear a crise em seus próprios territórios.

Assim, como modo de contornar a situação, o Egito, juntamente com outros países árabes, busca alavancar a sua economia e aproveitar o déficit do dólar como moeda soberana. Desse modo, se mostra contrário à dominância do dólar como moeda mundial, percebendo os problemas que isso gerou e buscando novas formas de voltar a crescer no cenário econômico, com possíveis outros parceiros. O governo egípcio acredita em uma maneira de controlar a situação de uma forma mais igualitária, que permita o avanço de outras nações, e, por isso, o dólar deve ceder espaço para outras moedas poderem crescer.

15.13 República Argentina - Presidente



A República Argentina, país da América do Sul, tem enfrentado diversas oscilações em relação ao seu desenvolvimento nos últimos anos, alternando momentos de crescimento e euforia com períodos de grandes crises (que têm se mostrado cada vez mais comuns). Assim, o país vem percebendo a sua relativa falta de relevância no cenário internacional, estando mais focada em dilemas internos. A taxa de desemprego e a média salarial baixa são dois fatores que já vinham assombrando a Argentina, e, com a crise de 2008, apenas se acentuaram. O governo da família Kirchner vinha focando muito na venda de commodities, que apresentavam uma alta demanda no início dos anos 2000, principalmente vindo de países como a China.

No entanto, com os impactos da crise de 2008, a Argentina se viu sem seus principais compradores, o que desestabilizou completamente a sua economia e a sua moeda, o Peso. Dessa forma, na busca por uma volta por cima, que possa alavancar novamente o país em direção ao crescimento contínuo, a Argentina se encontra em uma posição relativamente neutra. Por um lado, vê problemas com o dólar continuando a ser a principal moeda mundial, mas por outro, precisa retomar a venda de commodities, visto que não possui um meio industrial forte que possa virar fonte de sustento. A



Argentina precisa se restabelecer, por isso busca o que for melhor para o seu país e para aqueles que possam auxiliá-la a se estabilizar.

15.14 República da África do Sul - Presidente



Durante a crise econômica de 2008, a República da África do Sul experimentou uma desaceleração significativa em sua economia. O país foi afetado pela queda nos preços das commodities, particularmente no setor de mineração, um dos pilares de sua economia. Sua relação monetária com os Estados Unidos durante a crise foi caracterizada por uma certa volatilidade devido à dependência das exportações e ao fluxo de capital estrangeiro. A rand sul-africana, moeda local, sofreu pressões de desvalorização em relação ao dólar americano, afetando o poder de compra e a estabilidade financeira interna.

A posição da África do Sul frente à hegemonia mundial do dólar é influenciada por uma série de fatores, incluindo considerações econômicas, políticas e diplomáticas. Como muitos países ao redor do mundo, a África do Sul está ciente de sua dependência do dólar dos Estados Unidos em transações comerciais internacionais, investimentos e reservas cambiais. No entanto, há grande interesse pela diversificação das reservas cambiais e a diminuição da exposição ao dólar norte-americano. Dessa forma, a África do Sul se posiciona totalmente contra a manutenção da hegemonia do dólar.

15.15 República da Coreia - Presidente



A República da Coreia do Sul enfrentou desafios durante a crise econômica de 2008, mas demonstrou resiliência devido à sua economia diversificada e à adoção de políticas de estímulo. Enquanto as exportações diminuíram e a produção industrial foi afetada, o país conseguiu evitar uma recessão prolongada. Sua relação monetária com os Estados Unidos incluiu intervenções do Banco Central para estabilizar o won sul-coreano em relação ao dólar americano, mantendo uma postura cautelosa diante das turbulências nos mercados globais.

A Coreia do Sul, juntamente com diversos países, defende a manutenção do dólar americano como a moeda dominante devido à sua



estabilidade econômica e ao papel crucial que desempenha nos mercados internacionais. O dólar serve como reserva de valor globalmente reconhecida, facilitando transações internacionais e reduzindo os custos associados à conversão monetária e aos riscos cambiais. Além disso, a manutenção do dólar como moeda de referência fortalece os laços comerciais e diplomáticos entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos, enquanto reforça a credibilidade do sistema financeiro dos EUA. Assim, a defesa pela continuidade do dólar como moeda dominante é motivada pelos interesses econômicos, comerciais e diplomáticos dos países envolvidos.

15.16 República da Índia - Primeiro-Ministro



A República da Índia enfrentou impactos da crise econômica de 2008, embora tenha sido menos afetada em comparação com outras economias. Seu sistema financeiro registrou turbulências, e houve uma desaceleração no crescimento econômico, especialmente no setor de serviços e na produção industrial. A rupia indiana sofreu desvalorização em relação ao dólar, aumentando a pressão inflacionária e afetando o poder de compra dos cidadãos.

A Índia se opõe à continuidade do dólar como moeda dominante por uma série de razões fundamentais. Primeiramente, o país busca reduzir sua dependência de uma única moeda estrangeira, visando a estabilidade econômica e a autonomia financeira. Além disso, a Índia percebe a hegemonia do dólar como um obstáculo ao seu próprio desenvolvimento econômico, visto que limita sua capacidade de negociar acordos comerciais e financeiros em termos mais favoráveis. Outro fator é a preocupação com a vulnerabilidade às flutuações do dólar, que podem afetar negativamente sua balança de pagamentos e reservas cambiais. Assim, a Índia busca promover a diversificação monetária global, defendendo a ascensão de outras moedas internacionais e um sistema financeiro mais equilibrado e inclusivo.



15.17 República da Indonésia - Presidente



Durante a crise econômica de 2008, a República da Indonésia experimentou um declínio nas exportações e investimentos estrangeiros, impactando negativamente sua economia. O país teve que lidar com a desaceleração do crescimento e a volatilidade nos mercados financeiros. Sua relação monetária com os Estados Unidos incluiu medidas de intervenção para estabilizar a rupia indonésia em face das pressões cambiais, buscando preservar a competitividade das exportações e manter a estabilidade interna.

A Indonésia tem objeções quanto à continuidade do dólar como a principal moeda global por várias razões. Em primeiro lugar, o país deseja salvaguardar sua autonomia econômica e financeira, pois uma excessiva dependência do dólar pode expô-lo a instabilidades e crises externas sobre as quais possui escasso controle. Além disso, diversificar as moedas de reserva poderia promover a estabilidade financeira global e permitiria à Indonésia fortalecer suas relações comerciais com outros países, reduzindo os riscos associados à volatilidade do dólar. A busca por uma ordem monetária internacional mais equitativa e inclusiva impulsiona a Indonésia a promover alternativas ao domínio do dólar no panorama econômico mundial.

15.18 República da Turquia - Primeiro Ministro



A República da Turquia foi afetada pela crise econômica de 2008, sofrendo uma desaceleração em seu crescimento e enfrentando desafios na balança de pagamentos e na estabilidade cambial. A lira turca enfrentou pressões de desvalorização em relação ao dólar americano, aumentando os custos de importação e contribuindo para pressões inflacionárias. O país implementou medidas para conter a volatilidade nos mercados financeiros e estabilizar sua economia doméstica.

A Turquia expressa estrita oposição à continuidade do dólar como moeda dominante devido a uma série de pressupostos que envolvem os



setores político, econômico e social. Primeiramente, o país busca diversificar suas reservas monetárias para reduzir a dependência de uma única moeda, visando a estabilidade econômica e a proteção contra volatilidades do mercado internacional. Além disso, o governo turco busca fortalecer a autonomia financeira do país e promover o uso de sua própria moeda, o que pode impulsionar a economia nacional e ampliar sua influência no cenário global. A Turquia também expressa preocupações com a política monetária dos Estados Unidos e os impactos que podem resultar das flutuações do dólar sobre sua economia, buscando assim uma maior independência e segurança financeira.

15.19 República Federal da Alemanha - Chanceler



A República Federal da Alemanha também é um país pertencente à União Europeia, sendo um dos mais antigos e mais importantes a fazer parte do bloco econômico. O país passou por grandes desafios nos anos 90, com a unificação da Alemanha Ocidental com a Alemanha Oriental após a Guerra Fria. Tal acontecimento gerou uma série de desestabilizações econômicas ao país, incluindo déficits orçamentários e aumento da dívida pública. Com a chegada do Euro, em 1999, o país perdeu o controle da política monetária, precisando se submeter às altas taxas de juros do Banco Central Europeu. De 1998 até 2005, enfrentou um longo período de estagnação econômica, apresentando um crescimento lento em relação aos demais países da União Europeia, o que causou uma relativa perda de competitividade em relação aos demais.

No entanto, o governo alemão realizou algumas reformas laborais, aumentando, assim, o investimento do setor privado, a produtividade e o aumento das exportações. Até 2007, a Alemanha vinha passando por um período de maior crescimento, com baixo desemprego e pouca inflação. Até que, em 2008, estourou a crise nos Estados Unidos, que parece não trazer tantos efeitos para a Europa, mas acaba trazendo. Os bancos alemães foram muito afetados e as exportações do país entraram em colapso. Junto com seu bloco econômico, a Alemanha apoia que o dólar siga sendo a moeda dominante, como uma tentativa de estabilização rápida e que auxilie suas exportações a voltarem ao normal. Assim, apoiando um de seus grandes



aliados, os Estados Unidos, acredita que a economia do país poderá ser mais beneficiada mantendo a atual ordem monetária.

15.20 República Federal da Nigéria - Presidente



A Nigéria, o maior produtor de petróleo da África, apresenta grandes reservas do mineral e, conseqüentemente, grande potencial de desenvolvimento. É um dos países africanos com a economia melhor estabelecida, apresentando um certo crescimento ao longo dos anos. No entanto, a história nigeriana é marcada por grandes instabilidades políticas, incluindo corrupção, infraestrutura inadequada e má gestão econômica, ocasionando uma série de problemas decorrentes, impossibilitando maiores avanços. A Nigéria ganhou, em 2005, aprovação no Clube de Paris, parceria econômica que possibilitaria um acordo de redução da dívida externa, referente às reformas econômicas que o governo nigeriano propôs. Isso possibilitou que o país reduzisse significativamente o que devia, levando a um período de grande avanço. Até 2007, com o aumento do preço do petróleo, o país conseguiu aumentar o produto interno bruto, mostrando sinais de um bom desenvolvimento.

No entanto, por depender quase exclusivamente da exportação do petróleo, em 2008, quando a crise estourou no cenário mundial, os preços de venda do mineral tiveram uma enorme redução. Ademais, a moeda do país, o naira, enfrentou uma desvalorização exponencial. Revoltada com a situação de sua economia, a Nigéria apresenta resistência em relação à permanência do dólar como moeda dominante. Visando atingir um maior crescimento, mantendo a soberania nacional sobre as exportações de seu petróleo, o governo nigeriano acredita que há outra alternativa para a economia mundial, mais igualitária e que permita o desenvolvimento de outros países.



15.21 República Federativa do Brasil - Presidente



Durante a crise econômica de 2008, a República Federativa do Brasil enfrentou desafios significativos, com a desaceleração do crescimento econômico, a queda nas exportações e a volatilidade nos mercados financeiros. O país adotou políticas de estímulo econômico e medidas para proteger sua moeda, o real, que sofreu desvalorização em relação ao dólar americano. A intervenção do Banco Central foi crucial para manter a estabilidade financeira e minimizar os impactos adversos da crise.

No Brasil, há uma forte resistência à continuidade do dólar como moeda dominante por diversos motivos. Primeiramente, a dependência excessiva do dólar ameaça a autonomia econômica e a soberania nacional, sujeitando o país a oscilações e políticas monetárias estrangeiras sobre as quais não tem controle direto. Além disso, a manutenção do dólar como moeda preponderante dificulta a formulação de políticas econômicas internas mais eficazes e flexíveis, limitando a capacidade de resposta a crises e a implementação de medidas de estímulo ao desenvolvimento econômico sustentável. Por fim, a preferência pelo uso do dólar tende a reforçar desequilíbrios comerciais e financeiros, contribuindo para a perpetuação de relações desiguais no cenário global, enfatizando a posição dominante da economia norte-americana.

15.22 República Francesa - Presidente



A República Francesa enfrentou os impactos da crise econômica de 2008, com uma desaceleração em seu crescimento econômico e desafios no setor financeiro. A economia francesa foi afetada pela diminuição das exportações e investimentos estrangeiros. Sua relação monetária com os Estados Unidos envolveu uma gestão cuidadosa do euro em relação ao dólar, com o Banco Central Europeu intervindo para estabilizar os mercados financeiros e preservar a competitividade das exportações francesas.

A França demonstra um claro apoio à manutenção do dólar como moeda dominante por diversos motivos. Primeiramente, a estabilidade econômica e política dos Estados Unidos, aliada à solidez do dólar, oferece segurança e previsibilidade aos mercados internacionais, fatores cruciais



para a estabilidade global. Além disso, a França, como uma das principais economias da Europa, se beneficia do status monetário, visto que uma transição para uma nova moeda dominante poderia trazer incertezas e desafios econômicos significativos. A influência do dólar também fortalece as relações comerciais e financeiras entre a França e os Estados Unidos, impulsionando a cooperação bilateral e o fluxo de investimentos. Assim, a França encontra razões sólidas para favorecer a continuidade do dólar como a principal moeda de reserva global.

15.23 República Islâmica do Irã - Presidente



O Irã é o segundo maior produtor de petróleo da OPEP (Organização dos Países Produtores de Petróleo), sendo essa uma das principais fontes do seu crescimento econômico. O país, entre a década de 1990 e 2000, apresentava um bom crescimento econômico, principalmente devido à comercialização do petróleo. O governo iranianiano, no entanto, buscava diversificar a sua economia, trazendo novas fontes de renda além do petróleo. A partir do investimento de outras áreas, como a indústria automobilística, aeroespacial e nuclear, o Irã acredita que conseguirá ainda maiores avanços no seu desenvolvimento.

No entanto, a partir dos anos 1990, com a descoberta do programa nuclear iraniano, o país vem sofrendo pesadas sanções econômicas, pela Comunidade Internacional, principalmente pela iniciativa de países como Estados Unidos, França e Reino Unido, que acreditam apresentar uma ameaça à estabilidade global. Assim, sua economia sofreu uma grande desestabilização, que foi ainda mais agravada com a crise de 2008. Sem poder exportar para os seus principais parceiros econômicos, que também sofriam com as consequências da crise, o Irã se viu em uma situação extremamente desfavorável.

Em relação à dominância do dólar como moeda mundial, o país se mostra extremamente contrário. Por ter sofrido nas mãos estadunidenses por vários anos, o Irã acredita que há muitos mais malefícios que benefícios de continuar com a hegemonia monetária. O poder concedido ao dólar coloca certos países na frente de outros, podendo interferir muito no



desenvolvimento de nações emergentes. Desse modo, o governo iraniano defende outra alternativa para a recuperação econômica mundial, apresentando soluções mais igualitárias, que permitam o crescimento e avanço de mais países.

15.24 República Italiana - Primeiro Ministro



Durante a crise econômica de 2008, a República Italiana enfrentou uma desaceleração econômica, com queda na produção industrial e aumento do desemprego. A Itália, como membro da zona do euro, enfrentou pressões nos mercados financeiros devido à sua dívida pública significativa. A relação monetária com os Estados Unidos foi influenciada pela política monetária do Banco Central Europeu, com esforços para preservar a estabilidade do euro em relação ao dólar e conter a volatilidade nos mercados financeiros italianos.

A Itália apresenta uma forte inclinação a favor da manutenção do dólar como moeda dominante por diversos motivos. Primeiramente, a estabilidade econômica e financeira global proporcionada pelo dólar fortalece a confiança dos investidores e facilita as transações comerciais internacionais, fundamentais para a economia italiana. Além disso, a adesão ao dólar como moeda de reserva confere à Itália maior liquidez e acesso privilegiado aos mercados financeiros internacionais, o que contribui para a sua integração na economia global e para a mitigação de eventuais crises financeiras. Ademais, a forte presença do dólar como meio de pagamento e reserva facilita as relações comerciais da Itália com outros países e garante uma relativa previsibilidade nas transações financeiras, fatores essenciais para a estabilidade e o crescimento econômico do país.

15.25 República Popular da China - Presidente/ Presidente do Partido



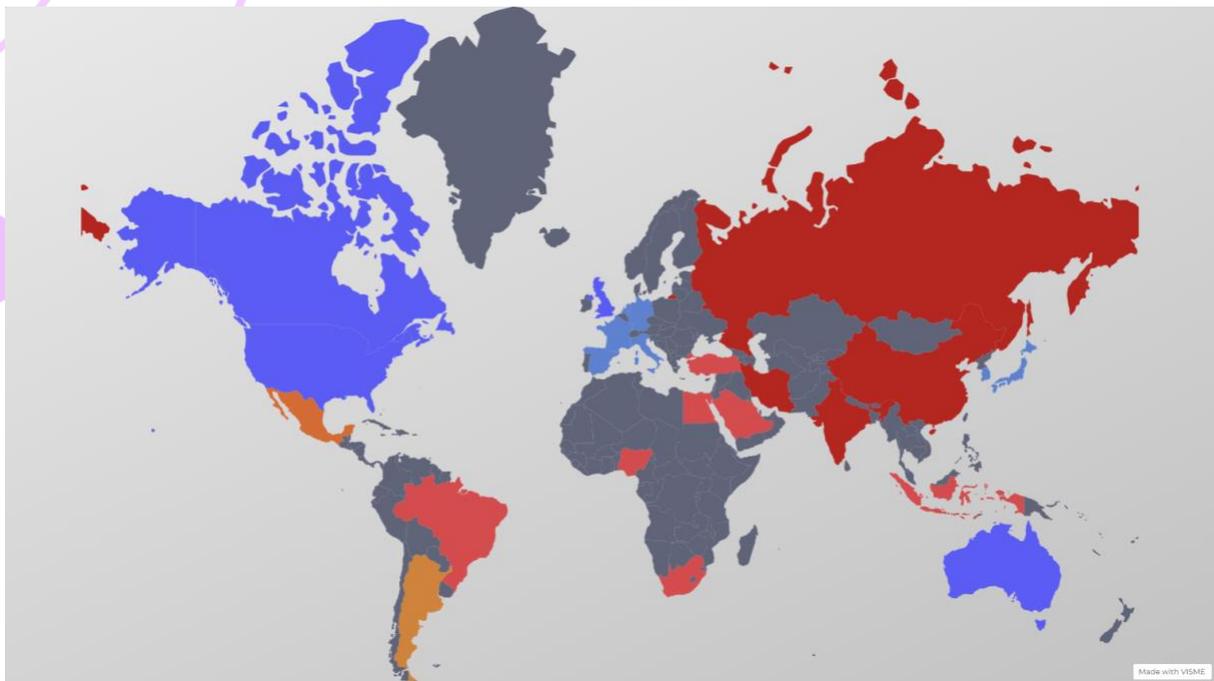
A República Popular da China, entre as maiores economias globais, foi um dos que demonstrou maior estabilidade de modo geral. Isso mostrou ao mundo uma nova era da economia chinesa, que não dependeria tanto do mundo ocidental. Mesmo mostrando uma grande segurança econômica, a nação chinesa sofreu com a desaceleração de sua economia, que se



mostrava sempre crescente. Além disso, via uma queda de suas exportações e indústria diante da recessão global. Dessa maneira, a nação sofreu de maneira moderada ao longo da crise, mostrando ao mundo seu braço forte. A nação antes da crise estava em uma grande aceleração econômica e de desenvolvimento, que acabou se freando pela crise vinda da América do Norte. Por essa razão, Pequim tem um grande descontentamento em relação ao causador dessa crise, pois a nação asiática não teve nenhuma relação ou culpa para causar a crise, e mesmo assim, foi muito afetada de maneira desnecessária.

Dessa forma, a nação condena o uso do dólar como moeda neutra, pois vê que a nação norte-americana utiliza sua moeda como arma e, por conta disso, pode acabar desregulando a economia mundial, como na crise que se passa o debate. Repudiando a utilização do dólar como moeda de troca, é de grande ambição de Pequim desenvolver, junto a seus aliados, uma possível nova moeda que possa alterar o poder internacional de nações contrárias. Desse modo, a economia e poder chinês poderiam se restabelecer novamente, após o contratempo de uma nação que, sem o controle de sua própria economia, acabou afetando a chinesa.

***“Deixem a China dormir porque, quando ela acordar, o mundo vai estremecer”
-Napoleão Bonaparte***



Mapa mostrando todas as delegações e suas opiniões sobre a dependência monetária do dólar americano.

Azul escuro - Apoia totalmente que o dólar americano siga sendo a moeda dominante.

Azul claro - Apoia que o dólar americano continue sendo a moeda dominante

Laranja - Vê problemas com o dólar americano ser a moeda dominante.

Vermelho claro - Desaprova que o dólar americano continue sendo a moeda dominante

Vermelho Escuro - Desaprova totalmente que o dólar americano siga sendo a moeda dominante.



16. Sobre o jornal

Os jornais no Grupo dos 20 - doravante abreviado de G20 - desempenham papéis ideológicos importantes tendo em vista a relevância do comitê em uma discussão que inclui diretamente as maiores economias do mundo. Posto isso, entender onde se lastreiam o posicionamento dos jornais The Washington Post e Sputnik são vitais para um bom desenvolvimento de trabalho à frente do comitê das grandes economias. A crise econômica de 2008 colocou em evidência a complexa relação ideológica entre as nações, e as falhas da desregulação neoliberal posta em prática anteriormente, e muito destacou a dependência mundial do dólar ao mesmo tempo em que o BRIC se acendia como uma frente oposta à hegemonia norte-americana.

As delegações que compõem o G20 retratam a grande diversidade ideológica e geopolítica, marcada, principalmente, por interesses próprios e posicionamentos fortes dos países constituintes. Desse modo, trazendo esse cenário para os jornais que integram a imprensa, é possível reconhecer o posicionamento do The Washington Post, um jornal norte-americano de posse do multi-bilionário Jeff Bezos, diretamente alinhado aos Estados Unidos da América e seus aliados tradicionais, como, por exemplo, o Reino Unido, o Canadá e a Comunidade da Austrália, todos esses com notórios posicionamentos pró-ocidentais de defesas políticas de livre mercado e neoliberalismo como solução da crise, com interesses em preservar e perpetuar sua posição dominante na economia global.

Ao contrário dessa linha de posicionamento, o Sputnik, jornal coordenado pela Federação Russa, conversa ideologicamente com nações que representam o Oriente global. Dessa maneira, o jornal russo se alinha com países como a República Popular da China, a República da Índia e outros países do Sul Global.

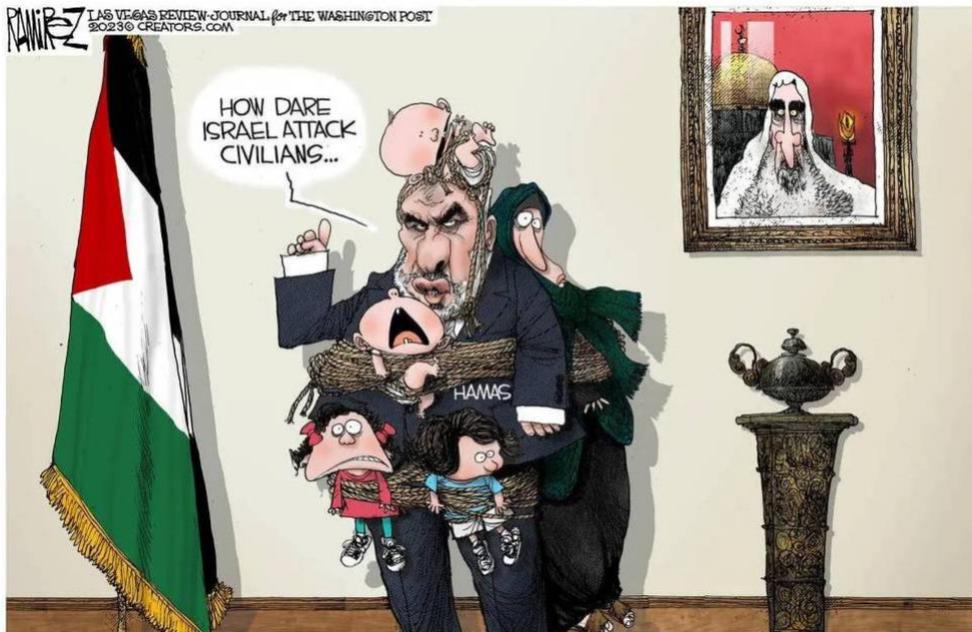
16.1 THE WASHINGTON POST

O The Washington Post é um jornal estadunidense, com sede em Washington DC, capital dos Estados Unidos. É um dos maiores jornais do país norte-americano e um dos mais tradicionais desde a sua criação em 1877. Seu foco é cobrir temas relacionados à política nacional e internacional. O jornal também possui diversas colunas de opinião, em que são possíveis de encontrar artigos e charges sobre os mais variados temas.



Seu posicionamento é em defesa da democracia e possui um viés liberal, dentro dos moldes ocidentais. O proprietário do jornal é o bilionário estadunidense Jeff Bezos, também dono da Amazon. O The Washington Post não recebe qualquer patrocínio do governo estadunidense e defende a liberdade para o fazer jornalístico. Em suas charges e tirinhas é possível encontrar produções com críticas à diversas nações, em sua maioria àquelas que vivem sob regimes ditatoriais.

Imagem 37: Crítica ao Hamas e a prática de escudos humanos com mulheres e crianças por parte do grupo.



“Como Israel ousa em atacar civis...”



16.2 SPUTNIK

O jornal Sputnik é uma agência de notícias lançada pelo governo russo, operada pela empresa estatal Rossiya Segodnya, sendo um jornal de cobertura internacional, possuindo filiais em diversos países como por exemplo, o Sputnik Brasil no território brasileiro que faz a cobertura da política nacional.

O Sputnik cobre notícias políticas e econômicas globais direcionadas a um público internacional. Os serviços trabalham em mais de 30 idiomas e em mais de 34 países, atingindo um número total de visitantes ao website de mais de 54 milhões de pessoas ao redor do globo, se estabelecendo como uma grande mídia internacional.

O posicionamento do jornal é forte e preciso, sendo geralmente visto como tendo uma inclinação pró-governo russo, refletindo em grande parte as perspectivas do governo. Como consequência dessa inclinação, por vezes suas matérias exibem conteúdo com visão favorável das ações e políticas da Rússia, com, por vezes, adotando certa criticidade em relação aos países ocidentais.

O Sputnik é alvo de ataques por parte do Ocidente por ser considerado por alguns uma ferramenta de governo russo para propaganda no exterior e por ser um jornal considerado "anti-ocidental". Para exemplificar a dualidade russo-americana é interessante comentar que em 2017 a rede norte-americana Twitter, hoje conhecida como "X", bloqueou anúncios publicitários na conta de comunicação do Sputnik devido a suspeitas de uma possível interferência na eleição do país americano.

Imagem 38: A página de erros do Sputnik Brasil exemplifica bem o posicionamento anti-ocidental do jornal controlado pela estatal russa:





Imagem 39: Charge que exemplifica críticas à OTAN
(A Organização do Tratado do Atlântico Norte):





17. Lista de Imagens

- 1 - Foto oficial dos líderes do G20. Primeira Cúpula : *Summit on Financial Markets and the World Economy*
- 2 - Sessão de trabalho da primeira Cúpula do G20, no segundo dia de reunião. Visão superior da sala onde estava sendo presidida a sessão.
- 3 - Um funcionário da Lehman Brothers Holdings Inc. Carrega uma caixa com seus pertences para fora do prédio da sede da empresa (fundo) em 15 de setembro de 2008 na cidade de Nova York.
- 4 - Foto do interior de uma fábrica de armas nos EUA. Trabalhadoras estão na linha final de montagem de rifles.
- 5 - Multidão reunida em Wall Street pelos rumores do início do crash que começavam a se espalhar
- 6 - Multidão em frente ao American Union Bank (sede Nova Iorque), quando se começava a “corrida pelos bancos”. Foto ainda registrada no início da crise.
- 7 - Grupos massivos de pessoas em frente à bolsa de valores de Nova Iorque, Ainda em outubro, prelúdios da crise.
- 8 - Filas se formavam para receber uma ração de pão em Nova York. Não havia trabalho e a busca por emprego era desesperadora.
- 9 - Manchete do jornal “Brooklyn”: “Wall Street em pânico com a quebra do mercado acionário” (livre tradução). As manchetes refletiam o que, para muitos, foi o início da Grande Depressão, a crise econômica que abalou fortemente os países industrializados, no período de 1929 a 1941.
- 10 - Desemprego nos Estados Unidos no período 1910-1960. A tarja rosa destaca os anos da Grande Depressão (1929-1939).
- 11 - Um ano difícil. Operadores da Bolsa de NY: em 2000, mercados começaram na euforia, terminaram na depressão Foto: Stuart Ramson / Stuart Ramson/AP/1-12-2000
- 12 - Foto de projeto de programa de realidade imersiva (1998)
- 13 - Foto da entrada da sede da NASDAQ em Nova Iorque.



14 - Desenho ilustrativo de como as bolhas financeiras aumentam com o apoio do próprio mercado.

15 - Gráfico que mostrar as altas e baixas da NASDAQ na bolsa de valores (1995 - 2006)

16 - "I thought that we were just buying a house" é o nome dessa charge que faz humor em como uma única casa poderia desencadear a crise de 2008

17 - Charge do chargista Andy Singer que faz sátira exemplificando que os empréstimos Subprime para hipotecas de casas não tem saída.

18 - Imagem de subúrbio norte americano na Flórida: uma crítica a vida planejada geometricamente

19 - Wall Street Reels As Major Financial Companies Face Crisis

NEW YORK - SEPTEMBER 15: Pedestrians walk by the New York Stock Exchange September 15, 2008 in New York City. In morning trading, U.S. stocks suffered a steep loss after news of Merrill Lynch & Co. Inc was selling itself to Bank of America Corp and Lehman Brothers Holdings Inc. filed for Chapter 11 bankruptcy protection.

20 - Markets Open After Dropping Over 400 Points On Tuesday

NEW YORK, NEW YORK - OCTOBER 04: Traders work on the floor of the New York Stock Exchange during morning trading on October 04, 2008 in New York City. The market opened up slightly high amid the release of the ADP employment report after all three major indexes closed dropping over 1% with the Dow Jones dropping 425 points. (Photo by Michael M. Santiago/Getty Images)

21 - Foto do interior do prédio principal mostrando ilha de televisores mostrando valores de ações e bancos .

22 - Propaganda da família ideal americana retro. A imagem mostra uma família no quintal ensolarado cuidando de uma horta.

23 - Propaganda estatal da American Family com uma pai chegando na sua casa sendo recebido por toda a família.

24 - Sede da Lehman Brothers, inc. Em uma das avenidas centrais de Manhattan, Nova Iorque. Fachada exposta.



25 - Foto do interior do principal prédio da bolsa de valores norte-americana no início da crise de 2008 com o caos já instaurado entre os investidores.

26 - Foto de homem em frente de um prédio da Lehman Brothers em Nova Iorque com um jornal mostrando a manchete “Wall of fear”, tradução livre “rua do medo” em referência a Wall Street.

27 - Dois funcionários da Lehman Brothers juntos retirando a fachada com o nome em destaque do banco do prédio.

28 - Foto de um carro onde morava uma família norte-americana por conta da crise. Encontrado dentro de um estacionamento.

29 - Foto de um norte-americano dormindo nas ruas em um banco de parque em Nova Iorque. Deitado com uma bandeira dos Estados Unidos como cobertor.



18. Documentos Complementares

Filmes e Documentários

- **Trabalho Interno**, documentário que abordou as transformações políticas e econômicas ocorridas nos EUA que levaram à crise financeira de 2008, a maior da economia capitalista desde 1930 . Lançado em 2011, as questões colocadas pelo filme continuam vivas, à espera de uma resposta dos partidos políticos. Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=YamDhfl6Hs>
- **Os últimos dias dos Lehman Brothers**, Fundado em 1850, o Lehman Brothers era um dos bancos de investimento mais antigos de Wall Street antes do seu colapso. Este filme dramatiza o fim de semana mais dramático em Wall Street desde 1929.
- **Too big to fail**, Depois de deixar o seu cargo de topo na Goldman Sachs, Henry Paulson, o secretário do Tesouro, tenta resolver os problemas que surgiram durante a crise econômica global. Trailer: https://www.youtube.com/watch?v=HIOLWBD_g1o
- **Wall Street o dinheiro nunca dorme**, Gordon Gekko, um ex-invasor corporativo de Wall Street, une forças com Jacob Moore, um importante trader proprietário da Keller Zabel Investments, para vingar a morte do mentor de Jacob, Louis Zabel. Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=HcMFA2SHES4>
- **The Flaw**, O documentário explora as causas e as consequências da crise financeira global de 2008. O filme examina as falhas fundamentais no sistema financeiro, como a desregulamentação, a crescente desigualdade econômica de renda e o fracasso dos mercados imobiliários e de crédito, que levaram ao colapso econômico . Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=7bFIEmyOaQQ>
- **Collapse**, O documentário explora as polêmicas e conspiratórias teorias do escritor Michael Ruppert, entre elas, as razões pelas quais ele acredita que os Estados Unidos se tornaram o estopim de uma crise mundial. Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=XXIRwd1LNVY>
- **Margin Call**, Uma empresa do setor financeiro, que faz alusão ao Lehman Brothers, demite 80% dos funcionários de um departamento e o chefe entrega um pendrive a um de seus ex-funcionários com um conteúdo no qual vinha trabalhando. O documento mostra que a companhia passou, há meses, do limite do risco que poderia correr e está prestes a falir. O dilema se forma: ir à derrocada sozinha ou esperar que outros membros do mercado caiam junto. Trailer: https://www.youtube.com/watch?v=Q4iNrA_W3mQ



19. Referências

<http://www.g20.utoronto.ca/2008/2008declaration1115-pt.html>

<https://centrodeeeconomiapolitica.org/repojs/index.php/journal/article/view/474>

<https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/download/34830/20086>

<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2465>

<https://www.suno.com.br/artigos/bolha-da-internet/>

<https://www.lmpucrio.com/post/bolhas-no-mercado-financeiro-um-estudo-dos-casos-cl%C3%A1ssicos>

<https://warren.com.br/magazine/bolha-da-internet/>

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27203/000763834.pdf>

<https://www.migalhas.com.br/depeso/6852/caso-enron--breve-analise-da-empresa-em-crise>

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118439/busnardo_fd_tcc_arafcl.pdf

<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=512838>

<https://www.unifal-mg.edu.br/remadih/a-grande-depressao-crise-de-1929/>

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/05/economia/1501927439_342599.html

<https://exame.com/invest/mercados/criSES-economicas-entenda-as-principais-quebras-das-bolsas-de-valores/>

<https://oglobo.globo.com/economia/bolha-pontocom-em-15-anos-internet-passa-de-pivo-da-criSE-lider-do-mercado-16903734>

<https://www.theguardian.com/business/financial-crisis>

<https://deliverypdf.ssrn.com/delivery.php?ID=11307812611508908912509409800309802703508900508506403500403102904601407102107300509100508902701207500702409101900500400410112610302609207312610208811411211108023074088105030017&EXT=pdf&INDEX=TRUE>



<https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2014/11/12/queda-do-petroleo-provoca-ecos-da-pressao-cambial-de-2008-sobre-paises-como-nigeria-e-arabia-saudita.htm>

<https://news.un.org/pt/story/2012/03/1400211>

<https://exame.com/economia/ha-10-anos-crise-financeira-de-2008-arrasava-a-economia-mundial/>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/entenda-crise-economica-e-politica-na-argentina.html>

<https://www.scielo.br/j/ecos/a/MqV9hHtNW934pF3dLCCbs3h/?format=pdf>

<https://www.dw.com/pt-br/libra-esterlina-e-bolsa-de-londres-softem-forte-queda-em-2008/a-3916918>

<https://exame.com/economia/brexit-reabre-feridas-no-centro-da-crise-de-2008-no-reino-unido/>

<https://inteligencia.insightnet.com.br/a-crise-economica-chega-ao-oriente-medio/>

<https://www.unifebe.edu.br/site/blog/crise-de-1929-como-surgiu-grande-depressao/>

<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2465>

<https://www.brasildefato.com.br/2018/09/15/dez-anos-apos-a-crise-de-2008-bancos-seguem-no-controle-da-economia>

<https://oglobo.globo.com/economia/frases-que-marcaram-crise-financeira-de-2008-23066545>

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S092911991730384X>

<https://www.theguardian.com/business/2020/apr/08/the-2008-financial-crisis-will-be-seen-as-a-dry-run-for-covid-19-cataclysm>

<https://www.theguardian.com/business/2019/dec/29/its-more-than-a-decade-since-the-financial-crisis-wheres-the-recovery>

<https://oglobo.globo.com/economia/bolha-pontocom-em-15-anos-internet-passa-de-pivo-da-crise-lider-do-mercado-16903734>



<https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304171804579122020563741020>

<https://centrodeeeconomiapolitica.org/repojs/index.php/journal/article/view/474/472>

<https://www.migalhas.com.br/depeso/6852/caso-enron--breve-analise-da-empresa-em-crise>

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/03/o-que-foi-a-crise-de-2008-e-quais-as-diferencas-para-a-situacao-atual.shtml>

<https://seer.upf.br/index.php/rtee/article/view/7363>

<https://seer.upf.br/index.php/rtee/article/view/7363/4334>

<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/8344>

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/03/o-que-foi-a-crise-de-2008-e-quais-as-diferencas-para-a-situacao-atual.shtml>

<https://www.pensador.com/frase/Mz10NDA3MQ/>

<https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/244>

<https://jornal.usp.br/universidade/voce-sabe-o-que-e-brics-e-a-importancia-dele-no-cenario-internacional/>

<https://brics2023.gov.za/wp-content/uploads/2023/07/BRICS-Trade-and-Investment-Cooperation-Framework-2013.pdf>

<https://brics2023.gov.za/other-documents/>

<https://brics2023.gov.za/evolution-of-brics/>

<https://repositorio.uninter.com/handle/1/284>

<https://www.gov.br/mre/pt-br/search?SearchableText=brics>

<https://sites.usp.br/gebrics/>

<http://br.china-embassy.gov.cn/por/ssht/brics/>

<https://brics.ibge.gov.br/>

<https://bricspolicycenter.org/en/>



<https://brics2023.gov.za/>

<https://infobrics.org/>

<https://repositorio.cepal.org/items/039aa4ad-59c2-4c10-8a67-6287889b5d88>

<https://www.scielo.br/j/cint/a/FdC8BWPWfwwbzq5Zc7LqBQd/>

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/assuntos/reuniao-do-brics/historia-do-brics>

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2019v34n70p13>

<https://oglobo.globo.com/economia/bolha-pontocom-em-15-anos-internet-passa-de-pivo-da-crise-lider-do-mercado-16903734>

<https://fourweekmba.com/pt/bolha-com-ponto/>

<https://repositorio.usp.br/item/001331728>

<https://www.hardware.com.br/artigos/bolha-da-internet-o-que-foi-o-boom-das-pontocom/>

https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/fr/STATEMENT_16_2967

<http://www.g20.utoronto.ca/>

<https://www.g20.org/pt-br/sobre-o-g20>

<https://www.g20.org/pt-br/sobre-o-g20/cupulas-antiores?activeAccordion=73814cd9-ed16-4890-aca8-232da5793466%2Cc33693b8-a54f-46cc-ade0-79cdf7554b4>

<http://www.g20.utoronto.ca/analysis/index.html#domfinreg>

https://tiesalesm.live/product_details/19223622.html

<https://link.springer.com/article/10.1111/jere.12084>

<https://newleftreview.es/issues/50/articles/robin-blackburn-la-crise-de-las-hipotecas-subprime.pdf>

<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/8344>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3g3xvql89xo>



<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56752040>

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/04/14/entenda-por-que-o-dolar-e-a-usado-no-comercio-internacional.ghtml>

https://borainvestir.b3.com.br/objetivos-financeiros/investir-melhor/dolar-por-que-a-moeda-americana-e-a-mais-poderosa-do-mundo/?gclid=Cj0KCQiA2eKtBhDcARIsAEGTG41od3vOfRjzOO6wkzPZppfYnz9FVOWMY2KhPs2dRvyZSziBcOTM4dlaAoUPEALw_wcB

<https://exame.com/colunistas/panorama-economico/a-hegemonia-do-dolar-americano-como-a-moeda-do-mundo/>

<https://einvestidor.estadao.com.br/educacao-financeira/dolar-moeda-mais-importante-mundo/>

<https://www.brasildefatopr.com.br/2023/06/12/formacao-como-o-dolar-se-tornou-a-moeda-hegemonica-no-sistema-internacional>

<https://blog.ibmec.br/sem-categoria/dolar-como-moeda-internacional-entenda-o-cenario-geopolitico-mundial/#:~:text=Como%20o%20d%C3%B3lar%20assumiu%20o,implica%C3%A7%C3%B5es%20para%20a%20economia%20atual.>

<https://periodicos.uff.br/mundolivre/article/view/40063/27407>

<https://medium.com/@Letkma/american-dream-1f83ec8ce741>

<https://thestateofappalachia.substack.com/p/american-dream-the-so-called-ideal>



III ONU **INTER** **COLEGIAL**



Rede Jesuíta de Educação

Este material é para uso exclusivo dos participantes inscritos no evento mencionado, sendo vedada a sua reprodução total ou parcial, de forma onerosa ou gratuita, sob pena de prática de violação de direito autorial passível de medidas judiciais cabíveis.